ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL – PROFSOCIO

ANA PAULA ARAUJO DOS SANTOS

OS IMPACTOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO

SINOP/MT

2026

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL – PROFSOCIO

ANA PAULA ARAUJO DOS SANTOS

OS IMPACTOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Universitário de Sinop/MT.

Orientador
Prof. Dr. Josivaldo Constantino dos Santos

Linha de pesquisa
Escola, educação e Sociedade

Modalidade
Material Pedagógico

Sinop/MT
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

S237i Santos, Ana Paula Araujo Dos.
OS IMPACTOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO / Ana Paula Araujo Dos Santos. – Cáceres, 2026.
127f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Sociologia/SNP-PROFSOCIO - Sinop - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Josivaldo Constantino dos Santos.

1. Ensino de Sociologia. 2. Educação. 3. EJA. I. Santos, Josivaldo Constantino dos. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 373.5:3

ANA PAULA ARAUJO DOS SANTOS

OS IMPACTOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Universitário de Sinop/MT.

Banca Examinadora do TCC (Produto Educacional)

_____
Prof. Dr. Josivaldo Constantino dos Santos (Orientador)
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem - UNEMAT

_____
Profa. Dra. Edneuza Alves Trugillo
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem - UNEMAT

_____
Profa. Dra. Sandra Pereira de Carvalho
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem - UNEMAT

_____
Prof. Dr. Rafael Arenhadt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

Sinop/MT

2026

Minha gratidão, primeiramente, a Deus que me sustentou até aqui; ao meu esposo, que sempre me incentivou e compreendeu meus momentos de ausência; a minha linda e amada Luiza, que acompanhou a mamãe durante todo o processo de estudo e, mesmo sendo apenas uma criança, compreendeu o quanto eu precisava do seu apoio e cooperação; e ao meu orientador, Josivaldo, por todo o apoio, atenção e cuidado ao longo desse processo. Mais do que um orientador, é um amigo que levarei para sempre em meu coração.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

O sentimento é de profunda gratidão pela caminhada até aqui. Nada foi fácil, muitos desafios foram enfrentados ao longo do caminho, mas pela graça de Deus atingimos à linha de chegada.

Agradeço imensamente ao meu esposo Paulo Henrique, por compreender meus momentos de ausência, me apoiar durante todo o percurso, e estar sempre aberto e disposto ao diálogo, acolhendo cada novidade e conhecimento que eu trazia para casa. Obrigada por aceitar e respeitar meu processo de mudança ao longo dessa caminhada rumo ao conhecimento.

À minha linda Luiza, que, mesmo tão pequena, sempre foi muito compreensiva com a mamãe. Aceitou tirar seus cochilos da tarde em meu colo ou no cantinho no chão da sala; almoçou, por muitas vezes, na cantina da Universidade comigo; e aguentou firme, mesmo quando eu sabia o quanto estava cansada e com saudade de casa. Parecia sentir meus momentos de exaustão e minha culpa materna por fazê-la vivenciar uma rotina tão cansativa, e, ainda assim, sempre me acalmava com seus beijos e abraços.

Agradeço imensamente ao meu orientador Josivaldo Constantino dos Santos, que foi mais do que um professor nessa caminhada; foi um amigo carinhoso e paciente. Mesmo em meus momentos de luta e conflito, teve palavras doces e de encorajamento, sempre me lembrando do que eu sabia fazer de bom e da confiança que tinha de que eu conseguiria chegar até o fim.

Agradeço ao PROFSOCIO–UNEMAT-SINOP por todo o acolhimento e compreensão diante das dificuldades apresentadas, sempre possibilitando ofertar um ensino de qualidade acessível à a todos os Mestrandos e Mestrandas.

Por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente a todos os meus colegas de Mestrado. Quero evidenciar o quanto cada diálogo, cada acolhimento, e cada escuta foram importantes durante essa caminhada. Aprendi, sorri e chorei ao lado de vocês. Meu coração transborda gratidão, e tenho um imenso orgulho de ter vivido essa experiência com todos vocês.

RESUMO

SANTOS, Ana Paula Araujo. O impacto do ensino da sociologia na formação dos estudantes da modalidade EJA no ensino médio. 2026, 129 f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) ao (Mestrado Profissional de Ensino de Sociologia em Rede Nacional) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2025.

Esta investigação tem o objetivo de compreender e descrever os impactos do Ensino de Sociologia na formação dos estudantes da educação de Jovens e Adultos, bem como descrever como se relacionam, percebem e vivenciam o Ensino de Sociologia em sua formação. A Sociologia se apresenta como um componente curricular de extrema importância, visto que ela consegue proporcionar um diálogo potente e reflexivo que pode alcançar diretamente os trabalhadores. Como caminho metodológico, realizamos uma pesquisa de cunho Fenomenológico, bibliográfica e Qualitativa. O campo empírico foi a Escola Estadual Professora Edeli Mantovani, localizada no município de Sinop/MT, tendo como sujeitos pesquisados 5 estudantes e 3 professores do 2° segmento do Ensino médio da modalidade EJA. Ao final da pesquisa, diante dos resultados observados, foi construído uma proposta de Material de Apoio para auxiliar estudantes e professores nas discussões das aulas de Sociologia. Adotamos como categorias de análise a sociologia da educação e modalidade regular EJA. Do ponto de vista teórico fundamentamos essa discussão, trazendo as perspectivas de autores que apresentam a história do ensino de Sociologia, bem como sua inserção no currículo, e também autores que ,discorram e contribuam sobre a importância da modalidade EJA socialmente. O referencial teórico que sustenta esta investigação se ancora nos autores Paulo Freire(1979) (1996), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Leandro Basegio e Márcia Borges (2013), Nildo Viana(2007), Carlos Benedito Martins (1994) e Ney Jansen Ferreira Neto(2019).

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Educação. EJA. Produto Educacional

ABSTRACT

SANTOS, Ana Paula Araujo. The impact of teaching sociology on the education of students in the Youth and Adult Education program in high school. 2026. 129 p. Final course paper (TCC) for the (Professional Master's Degree in Teaching Sociology in the National Network) - State University of Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2025.

This research aims to understand and describe the impacts of teaching sociology on the education of students in Youth and Adult Education, as well as to describe how they relate to, perceive, and experience the teaching of sociology in their education. Sociology presents itself as an extremely important curricular component, since it can provide a powerful and reflective dialogue that can directly reach workers. As a methodological approach, we conducted phenomenological, bibliographical, and qualitative research. The empirical field was the Edeli Mantovani State School, located in the municipality of Sinop/MT, with 5 students and 3 teachers from the 2nd segment of high school in the EJA (Youth and Adult Education) modality as research subjects. At the end of the research, based on the observed results, a proposal for Support Material was developed to assist students and teachers in discussions during Sociology classes. We adopted the sociology of education and the regular EJA modality as categories of analysis. From a theoretical standpoint, we will ground this ..discussion by presenting the perspectives of authors who discuss the history of sociology teaching, as well as its inclusion in the curriculum, and also authors who discuss and contribute to the social importance of the EJA (Youth and Adult Education) modality. The theoretical framework that supports this investigation is anchored in the authors Paulo Freire (1979) (1996), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Leandro Baségio and Márcia Borges (2013), Nildo Viana (2007), Carlos Benedito Martins (1994), and Ney Jansen Ferreira Neto (2019).

Keywords: Sociology teaching. Education. EJA. Educational Product

.

Sumário

1 **INTRODUÇÃO** 10

1.1 Justificativa 12

1.2 Problema 16

1.3 Objetivo Geral 17

1.4 Objetivos Específicos 17

1.5 Metodologia 18

1.6 Material Pedagógico 28

2 **A história da Sociologia como Ciência** 30

2.1 A inserção da sociologia como componente curricular na educação básica 38

2.2 A retomada do debate sobre a Sociologia na educação básica. 40

3 **A EJA e sua função Social** 46

4 **Observação de campo: percepções iniciais** 59

4.1 Pesquisadora em campo: perspectivas sobre as vivências em sala de aula 62

4.2 Conversando com os estudantes: quem são eles? 65

4.3 Momentos de escuta: o que eles dizem? 68

4.4 A Sociologia entre a proximidade e o distanciamento: percepções dos estudantes 72

4.5 Percepções dos professores: outros olhares 76

4.6 Aplicação do Material Pedagógico 82

CONSIDERAÇÕES FINAIS 86

REFERÊNCIAS 88

APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO 90

APÊNDICE B– QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO (estudantes) 92

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA 94

APENDICE D- ROTEIRO DE ENTREVISTA (PROFESSORES) 95

CRONOGRAMA 97

MATERIAL PEDAGÓGICO 98

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre o ensino de Sociologia na formação dos estudantes da EJA no ensino médio. bem como, descrever como se relacionam, percebem e vivenciam em sua formação. A Sociologia se apresenta como um componente curricular de extrema importância, visto que consegue proporcionar um diálogo potente e reflexivo que pode alcançar diretamente os trabalhadores.

Como caminho metodológico, realizamos uma pesquisa de cunho Fenomenológico, bibliográfica e Qualitativa. O campo empírico foi a Escola Estadual Professora Edeli Mantovani, localizada no município de Sinop/MT, tendo como sujeitos pesquisados, 5(cinco) estudantes do 2° segmento do Ensino médio, e 3(três) professores que atendem a EJA e ao ensino regular da instituição.

O ensino de Sociologia contribuí para a formação da construção crítica dos indivíduos, pois é discutindo em sala de aula sobre os contextos sociais que atravessam a realidade dos estudantes, é que podemos construir uma educação emancipadora e libertadora

A Sociologia estuda a estrutura da sociedade, seus indivíduos e como se organizam. E o estudo da Sociologia, no contexto da EJA, tem muito a contribuir para o processo de formação e transformação do estudante crítico e pensante, capaz de reconhecer a realidade em que vive.

Pois é discutindo sobre questões sociais, sobre a realidade em que estão inseridos, sobre o papel do cidadão dentro da sociedade, sobre a colaboração e responsabilidades que temos enquanto indivíduos que fazem parte de uma sociedade, é que podemos caminhar e avançar no exercício da cidadania. O papel do ensino da Sociologia, é despertar nesses jovens e adultos a reflexão crítica voltada para a cidadania.

O estudo da Sociologia é de fundamental importância para a construção humana, pois traz diversas reflexões sobre a sociedade e suas estruturas, e é pertinente que uma modalidade de ensino, que tem a principal função de resgatar pessoas marginalizadas socialmente, trazer o estudo desse componente curricular de uma forma que seja significativa e transformadora,

pois tem muito a contribuir para a formação da cidadania. É importante aproximar o Ensino de Sociologia da realidade sociocultural desses estudantes da modalidade EJA, considerando propostas a partir de suas realidades e vivências.

Mas quais são os impactos da Sociologia na formação desses estudantes? quais são as vivências que atravessam a vida desses estudantes com o Ensino de Sociologia? Como as discussões em sala de aula são direcionadas? o que tem sido ofertado de material didático na EJA para o Ensino de Sociologia? Como os professores planejam suas propostas?

Durante uma visita que fiz á à escola pesquisada, em um momento de conversa informal com um professor da modalidade EJA, foi relatado a ausência de um material unicamente direcionado para trabalhar cada componente curricular ofertado no ano 2025 na Escola Estadual Professora Edeli Mantovani.

A Plataforma Plural [1] ,também, confirma a ausência de um material direcionado somente para trabalhar o ensino de Sociologia. O que observamos, é que existe um material de ciências humanas, onde a proposta, é que os conteúdos sejam trabalhados de forma interdisciplinar. Qual o lugar da Sociologia nessa interdisciplinaridade? Ela consegue ser contemplada e vivenciada de forma significativa pelos estudantes?

Ao final da pesquisa, diante dos resultados observados, foi construído uma proposta de recurso educacional denominado:" Olhares sobre o Mundo: Introdução ao Ensino de Sociologia", com o objetivo de auxiliar estudantes e professores nas discussões das aulas de Sociologia. Essa proposta de material pedagógico foi construída partindo da perspectiva Freireana de temas geradores que se mostraram diretamente ligados às vivências, e aos conflitos sociais desses estudantes

> A investigação dos "temas geradores" ou da temática significativa do povo, tendo como objetivo fundamental a captação dos seus temas básicos, só a partir de cujo conhecimento é possível a organização do conteúdo programático para qualquer ação com ele, se instaura como

[1] Plataforma virtual gratuita, ofertada para os professores que trabalham nas Escolas Estaduais, onde ficam depositados todos os materiais didáticos dos professores em arquivo digital. Esta plataforma também oferta possibilidades do professor criar aulas dinâmicas e interativas para os estudantes.

> ponto de partida do processo de ação, como síntese cultural. (Freire, 1987, p. 105).

Segundo Freire (1987), os temas geradores fazem parte direto do processo educativo dos indivíduos, pois ele surge da realidade vivida dos sujeitos, com intuito de ser um ponto de partida para a construção de um conhecimento crítico e significativo.

Portanto, podemos compreender que essa pesquisa tem muito a contribuir no campo Científico, pois evidencia a relevância do Ensino de Sociologia na formação integral dos estudantes da EJA, e reafirma sua importância para a construção de cidadãos críticos, pensantes que transformam o mundo que vivem. Diante de tantos movimentos que trabalham para o apagamento da Sociologia, está pesquisa se apresenta como resistência, com intuito de evidenciar e valorizar sua relevância para construção humana.

1.1 Justificativa

Meu primeiro contato com a modalidade EJA, ocorreu nos estágios do meu curso de Pedagogia, foi um momento muito rico e de muita aprendizagem. Lembro como se fosse hoje, as expectativas para entrar em sala de aula, observar aquelas pessoas, e de alguma forma, iniciar um contato para que esse momento de estágio fosse o mais confortável possível para os estudantes e para nós, as estagiárias. Confesso que minhas expectativas não eram das melhores, pois senti que de alguma forma, a presença de mais pessoas em sala de aula pudesse ser vista como algo ruim, como se fôssemos atrapalhar a dinâmica daquela sala. Pensei encontrar pessoas muito cansadas, indispostas, e que a presença de estagiárias pudesse ser vista como algo menos importante, e como consequência disso, diminuir a frequência de estudantes aquela semana.

Fui traída pelos meus achismos e pelas minhas concepções pré-estabelecidas, e que bom! Fui bem acolhida pelo professor e pelos estudantes. Emergi em um mundo fascinante, onde fiquei profundamente encantada. Ao entrar em sala de aula, tive a oportunidade de observar uma postura e conduta admirável de um professor, que se mostrava muito afetuoso com os estudantes. Foi tão lindo observar essa prática acolhedora, ver homens e mulheres, todos

adultos, do 1° segmento (1° ao 5° ano), sendo recepcionados de forma tão afetuosa desde a sua chegada, até a volta para casa.

Após observar essa dinâmica que ocorria dentro da sala, pude constatar que os estudantes tinham uma relação de amizade com aquele professor, e que durante as explicações das atividades propostas, eles absorviam tudo o que era passado com muita atenção, como se o que era dito, ali, fosse algo muito valioso, que não pudesse ser perdido. Esse período de observação me deixou muito encantada em observar tamanha prática de muito carinho e humanidade do professor, e também o interesse dos estudantes.

Após esse período de observação, precisei me preparar para minha prática, pois seria minha vez de aplicar as atividades propostas. Veio um frio na barriga, muitas dúvidas surgiram. Será que eu conseguiria direcionar aquela aula com tanta leveza e acolhimento quanto aquele professor? Eu só queria que, naquela semana, a sala não se esvaziasse, e eles não encarassem minha prática como algo menos importante que a prática do professor. Fui traída novamente pelas minhas expectativas e pré-conceitos. A semana foi ótima e muito significativa. Eu e minha dupla, de estágio, preparamos várias dinâmicas e atividades práticas para dar sequência ao conteúdo que estava sendo trabalhando. Brincamos, conversamos, e fomos acolhidas naquela sala com tanto carinho, que a semana passou tão rápida, e deixou a sensação de que aquele estágio poderia durar muito mais dias de tão prazeroso e enriquecedor que ele foi.

Esse período de estágio foi muito enriquecedor, e de muitas descobertas, pois me permitiu, enquanto professora, abrir meu olhar para o outro, para observar, ouvir e acolher. Perceber como esse agir humano oportuniza pessoas marginalizadas, cansadas e sobrecarregadas do trabalho, e por suas múltiplas funções do dia a dia, alcance seus objetivos por meio do estudo, de forma mais leve e acolhedora. Esse agir humano, pode garantir a permanência de muitas pessoas, pois estar na escola depois de um dia extremamente cansativo, não é nada fácil, mas com apoio e acolhimento do professor, os encontros podem se tornar mais leves.

Muito antes dessa experiência com o estágio, minha relação com a modalidade EJA, já existia, de forma indireta, pois meu pai e minha mãe, ainda quando eu era adolescente, iniciaram seus estudos nessa modalidade para aprenderem a ler e escrever. Na minha adolescência eu não entendia a potência dessa modalidade para devolver oportunidades para essas pessoas que não conseguiram concluir os estudos, mas eu ficava muito feliz e orgulhosa, em ver meus pais, depois de um dia muito cansativo, arrumando seus cadernos e lápis para irem à escola. Infelizmente, as demandas externas, o trabalho, o cansaço, ocuparam o espaço e eles não conseguiram finalizar os estudos. Para o meu pai, foi extremamente difícil e cansativo, por toda demanda de seu trabalho, mas para minha mãe, se tornou ainda mais difícil, pois além do trabalho, tinha toda a função de gerenciar o lar.

> Percebemos que, a múltipla jornada diária (marcada pelos afazeres domésticos, as responsabilidades com os familiares, o trabalho externo e os estudos) é a principal razão para a evasão escolar das alunas mulheres. Por ser da EJA, novamente essa estudante é retirada da escola, mantida na condição de “trabalhar para alguém”, “cuidar de alguém”, “organizar e limpar por/para alguém”, entre outros (Pavei e Mello 2018, p. 8).

Para a mulher, qualquer movimento de emancipação se torna muito mais cansativo pelas demandas e multiplicidade de papéis que são impostas a ela. Por mais difícil que fosse para o meu pai; ir para uma sala de aula, depois de um dia de trabalho, para minha mãe, se tornava muito mais cansativo, pois além de trabalhar fora de casa, ela ainda tinha as demandas e afazeres domésticos do seu lar. Por mais que tivesse auxílio dos filhos e do marido nas atividades domésticas, ela ainda era a “rainha do lar”, cabia a ela administrar e cuidar de tudo. E todas essas funções tornaram a caminhada na EJA mais difícil para ela.

Outro momento que me oportunizou um contato com a EJA, foi por meio do meu esposo que decidiu retornar aos estudos. Logo após, nos casarmos. Ele sentiu necessidade de voltar a estudar em busca de uma formação mais qualificada que o mercado de trabalho exigia naquele momento. Ele retornou aos estudos na EJA, para finalizar o ensino médio, pois não conseguiu finalizar no ensino regular devido à necessidade de trabalhar para ajudar a mãe com as

despesas de casa, já que sua mãe, é mãe solo[2], e teve muita dificuldade financeira para criar os filhos.

Segundo a Lei 9.394 da LDBEN (1996) o direito à Educação de Jovens e Adultos é garantido àqueles que não tiveram, na idade apropriada, acesso ou continuidade no ensino regular. A modalidade EJA oportuniza às pessoas o retorno à escola e a finalização do curso num tempo mais reduzido do que praticado no Ensino Regular. A EJA devolveu a oportunidade de voltar a sonhar para o meu esposo, devolveu o sonho de finalizar seus estudos, de sonhar com um curso superior, e de conquistar novas oportunidades no mercado de trabalho.

Com base nas minhas experiências com a modalidade EJA, por meio do meu pai, minha mãe, meu esposo, e também dos próprios estudantes que tive contato no estágio, pude constatar que cada indivíduo que decide retornar à sala de aula, traz consigo expectativas, sonhos, vivências e muitas bagagens, que devem ser respeitadas, valorizadas e consideradas nesse contexto da educação de Jovens e Adultos.

O contexto social de cada estudante e o que ele traz para sala de aula são de fundamental importância, e esses aspectos devem ser valorizados, em sala de aula, pelo educador. O estudante adulto que decide retornar desistiu por algum motivo, e decide retornar por algum motivo e eu, enquanto pesquisadora, quero ouvir suas vozes, quero saber de suas histórias, seus sonhos, suas expectativas; o motivo que os fizeram desistir e retornar, e como está sendo sua relação com o ensino de sociologia em sua formação. É importante saber, como a Sociologia tem sido trabalhada nos contextos de sala de aula, e se ela tem contribuído para que esses estudantes tenham uma visão crítica sobre o mundo em que vivem.

A Sociologia é um componente curricular de extrema importância na formação desses estudantes, pois é por meio dela que muitas discussões sociais são trazidas para o contexto da sala de aula e para o contexto de suas vidas. Ela

[2]"Entende-se por mãe solo a mulher que assume de forma exclusiva todas as responsabilidades pelo filho, sejam elas financeiras ou afetivas".
Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/mae-solo#:~:text=%E2%80%9CEntende%2Dse%20por%20m%C3%A3e%20solo,sejam%20elas%20financeiras%20ou%20afetivas/ acesso em: 30/07/2024.

permite que esses estudantes discutam e aprendam mais sobre a realidade e o mundo social em que vivem.

Em relação a EJA, sabendo da fundamental importância dessa modalidade em possibilitar oportunidades para pessoas que não conseguiram finalizar, ou até mesmo iniciar seus estudos no período regular, é que faço dela meu campo de estudo, nesse Mestrado profissional de Sociologia, em rede nacional –PROFSOCIO. Nesse momento me proponho a pesquisar sobre os estudantes adultos da EJA, e quais são os impactos da sociologia em sua formação.

Para compreender melhor sobre como o ensino de Sociologia é vivenciado dentro da EJA, proponho a imergir no ensino médio, para que consiga observar de fato, como esse componente curricular é experienciado e de que forma, esse componente, tem impactado a vida desses estudantes. É importante, também, compreender a visão dos professores de Sociologia sobre a importância desse componente curricular, e de que modo são construídas as propostas curriculares, para atender de forma significativa esse estudante adulto que retornam para EJA..

1.2 Problema

A Sociologia estuda a estrutura da sociedade, seus indivíduos, e como se organizam. O estudo da Sociologia no contexto da EJA tem muito a contribuir para o processo de formação e transformação do estudante crítico e pensante, capaz de reconhecer a realidade em que vive.

É discutindo sobre questões sociais, sobre a realidade em que estão inseridos, sobre o papel do cidadão dentro da sociedade, sobre a colaboração e responsabilidades que temos enquanto indivíduos que fazem parte de uma sociedade, é que podemos caminhar e avançar no exercício da cidadania. O papel do ensino da Sociologia, então, é despertar nesses jovens e adultos a reflexão crítica voltada para a cidadania.

Segundo Gómez (2020, p. 04)

> A EJA proporciona a possibilidade de desenvolvimento de todos os indivíduos, de todas as idades. E, o ensino da Sociologia é uma eficiente ferramenta de emancipação, pois propicia meios de

> desconstruir ou direcionar pensamentos, o que é importante no processo de transformação da sociedade. Dessa forma, ao compreender o mundo que lhes aparece e suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas sim como uma realidade em transformação, em processo; os alunos têm a oportunidade de aprender teorias e podem colocá-las em prática exercendo o pensamento crítico.

O estudo da Sociologia é de fundamental importância para a construção humana, pois traz diversas reflexões sobre a sociedade e suas estruturas, e é pertinente que uma modalidade de ensino que tem a principal função, resgatar pessoas marginalizadas, trazer o estudo desse componente curricular de uma forma que seja significativa e transformadora, pois tem muito a contribuir para a formação da cidadania.

É importante aproximar o Ensino de Sociologia da realidade sociocultural desses estudantes da modalidade EJA; considerando propostas a partir de suas realidades e vivências. A partir dessa contextualização, apresento a seguinte problematização: Quais os impactos da sociologia na formação dos estudantes adultos da EJA no ensino médio? Como, e de que forma o ensino de Sociologia é vivenciado dentro das salas de aula EJA?

1.3 Objetivo Geral

Compreender e descrever quais são os impactos do ensino de Sociologia na formação dos estudantes da modalidade EJA no ensino médio.

1.4 Objetivos Específicos

- Contextualizar a história da Sociologia como ciência e como componente curricular no ensino médio;
- Mostrar a importância da Sociologia para a formação crítica do estudante adulto da EJA;
- Apresentar a função social da EJA ;
- Descrever como são as vivências dos alunos adultos da EJA no ensino médio com a Sociologia como componente curricular;
- Descrever a importância da EJA na vida desses adultos;
- Produzir um Material Pedagógico que auxilie nas propostas das aulas de Sociologia;

1.5 Metodologia

A abordagem metodológica desenvolvida para essa pesquisa foi de caráter fenomenológico, pois essa abordagem traz um olhar sensível e aberto para o indivíduo e o campo de estudo, valorizando a importância para as minúcias, e as tornando norteadoras dessa pesquisa.

Olhar de uma forma sensível e aberta para a pesquisa, permite ver os fenômenos com “novos olhos”, de uma forma que cada gesto, presença, silêncios, seja vista como algo importante para orientar a pesquisa. Um pesquisador que opta por essa abordagem está disposto a considerar e explorar diferentes perspectivas que podem surgir ao longo da caminhada do pesquisar.

> Sensibilidade e criação na pesquisa são evocadas a partir das vozes sublimes que acompanham os gestos, silêncios, preocupações e ocupações com as presenças que aos poucos conjugam formas de ver, ouvir e viver o mundo. Esta polifonia se inscreve nas memórias das sensações e que destinam em nossos corpos saberes estéticos expressivos, com os quais criamos formas de emancipação da nossa presença com os outros, não apenas pela obrigação das técnicas de produção do conhecimento, mas por celebração das artes de Ser e Estar com os outros, nos momentos improváveis de encontro com o conhecimento nas desordens da disciplina (Pimentel, 2016, p.10).

A leveza e a sensibilidade precisam ter espaço no campo da pesquisa para que o outro seja visto, enxergado e compreendido. A sensibilidade é um dos exercícios mais difíceis dentro da pesquisa, pois é preciso deixar vozes, elementos, movimentos e acontecimentos terem visibilidade em suas minúcias para que possam dar voz, para conduzir a investigação.

É preciso que o pesquisador saiba educar o seu olhar para que consiga “ver” as coisas como de fato são, como estão, e como se apresentam, conseguindo ver em todas as suas camadas, e não apenas de uma maneira superficial. “Então, olhar é interpretar e perceber para poder compreender como são as coisas e os objetos investigados” (Ghedin, Franco, 2008, p.73).

Para que o olhar do pesquisador seja capaz de enxergar seu objeto de estudo em sua totalidade e em todas as suas camadas, é preciso que a sensibilidade esteja presente em sua postura e em sua condução durante o pesquisar, pois as minúcias e “desimportâncias” somente serão percebidas, se a sensibilidade estiver conduzindo e orientando suas ações.

Oliveira e Silva (2016) apontam a importância das (des)construções e (des)aprendizagens dentro das pesquisas, pois é necessário nos desnudar do que já sabemos, dos “achismos” e pré-conceito já enraizados e estabelecidos para que se consiga ver o outro como ele é, e não como gostaríamos que ele fosse. Para ver o outro com maior precisão e sem interferências, é necessário que a postura do pesquisador seja de desconstrução diante do que pretende pesquisar, e de compreender que aquele conhecimento que ele carrega, pode ser desfeito e construído novamente, pois suas “certezas” estão passíveis de serem questionadas e reconstruídas. É preciso estar aberto para se reconstruir e aprender, para que os detalhes sejam vistos e considerados como norteadores da pesquisa.

Mas é o que é uma abordagem fenomenológica?

> O termo significa estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, em que se fala, evitando forjar hipóteses tanto sobre o laço que une o fenômeno como o ser que é o fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno (Moreira, 2002, p. 68).

A fenomenologia é o estudo das essências, ela traz ao campo da existência, a essência das coisas, ou seja, como elas de fato são. Ela não está preocupada em analisar ou em explicar os fatos, mas sim, apenas descrevê-los como de fato são. A fenomenologia é a ciência das essências, que tem o objetivo de partir “do zero’’, tendo como base a experiência sem o auxílio de qualquer outra ciência. Ter essas perspectivas pré-definidas é muito importante para ir a campo, pois para assumir essa abordagem metodológica, nossa postura e nosso olhar como pesquisador muda perante o objeto pesquisado. Pois o objetivo não é analisar os fatos, mas sim, descrevê-los e mostrá-los como são.

Segundo Feitosa (2016), temos que ir para o nosso campo de pesquisa abertos, dispostos a conhecer outras realidades, desconstruídos de todas as certezas que construímos anteriormente. Essa atitude enquanto pesquisadora, permite enxergar o outro com “novos olhares” como ele de fato é, e não como eu gostaria que ele fosse. Essa atitude de desconstrução, me permite ver claramente meu objeto de estudo, sem o compromisso de trazer explicação pronta e estática para cada fenômeno observado, mas sim, retratar, como de fato, os fenômenos se apresentaram.

Essa abordagem fenomenológica permite que o pesquisador tenha uma atitude mais sensível, amorosa e acariciante com seu objeto de estudo, dando importância às “desimportâncias” e consequentemente vendo coisas, que antes não foram vistas.

> O método fenomenológico não pode ser estudado no vazio conceitual de pesquisa empírica, como tantas vezes acontece, principalmente quando o autor se prende mais a raízes filosóficas do que a raízes cientificas.[...]Em alguns tratados o método fenomenológico surge como “fora da curva”, ou seja, como uma moldura conceitual que não encontra seu espaço dentro do mesmo espaço em que estão outras técnicas qualitativas ainda que se valendo corriqueira e obrigatoriamente de procedimentos sobejamente já utilizados na pesquisa qualitativa, principalmente a entrevistas aberta ou semiaberta(Moreira, 2002, p.76).

Diante disso, podemos compreender que o método fenomenológico não se apresenta como um procedimento fechado e limitado com base em apenas uma perspectiva pré-estabelecida, ele se apresenta como um método “fora da curva”, uma forma de enxergar os fenômenos com novos olhares, com leveza e sensibilidade, não deixando o rigor da pesquisa científica, mas se mostrando flexível para mostrar o que um método rígido não conseguiria.

A experiência dos sujeitos dentro do método fenomenológico é de fundamental importância, pois mostra a experiência como ela de fato é, como se apresenta e se mostra, não como o pesquisador acha que é, se já leu, ou tem como verdade. O que de fato importa, é como essa experiência é vivenciada em seu dia a dia, e o papel do pesquisador que assume essa postura fenomenológica; é captar essas essências e mostrá-las.

> Quais os tipos de fenômenos são mais apropriados para a pesquisa fenomenológica? Na verdade, o método fenomenológico foca em fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas nas experiências vividas. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela (Moreira,2002, p.109).

Enquanto pesquisadora, adentrei a escola e a sala desses estudantes com um olhar sensível e aberto para com os acontecimentos, e como eles se manifestarão ao longo da pesquisa. Os fenômenos que serão investigados, nesta pesquisa, é a forma como os estudantes se relacionam com o ensino de sociologia, visto que não há o ensino de sociologia propriamente dito, como vivenciam e como essa relação com esse componente curricular tem impactado a vida desses estudantes e em sua formação.

Essa pesquisa de cunho qualitativo teve como objetivo compreender e descrever os impactos da Sociologia na formação dos estudantes adultos da EJA. Opto por esta pesquisa, pois ela me dá maior liberdade para observar esse cenário com maior totalidade. Para coletar informações sobre os estudantes e sobre o campo de pesquisa, a pesquisa qualitativa, me permite explorar de uma forma mais dinâmica meu objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa é flexível na forma de conduzir a investigação, pois busca compreender situações mais complexas, onde não se tem uma resposta e solução exata para o problema. A abordagem qualitativa se mostra aberta e flexível para compreender situações em sua totalidade, pois ele não enxerga somente o resultado pronto estático e exato, medido com dados matemáticos. Ela consegue captar a subjetividade dos contextos, aquilo que não pode ser medido, ou reduzido para ser compreendido". Com estes pressupostos básicos, a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a "descrição densa" dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica" (Goldenberg, 2004, p.50).

Na pesquisa qualitativa, a quantidade é substituída pela intensidade e por uma imersão profunda naquilo que se deseja pesquisar. Visto que essa abordagem necessita de uma longa e cuidadosa observação dos fatos, para que sejam compreendidos, na qual atinge um nível de observação que não poderia ser compreendido em uma pesquisa quantitativa (Goldenberg, 2004).

> A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente *descritiva. E* como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações as pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc" (Trivinos, 1987, p.128).

Compreendo, enquanto pesquisadora, que a pesquisa qualitativa é o método mais assertivo para compreender a realidade e contextos desses

estudantes que me proponho a pesquisar, pois ela apresenta maiores possibilidades de compreender o campo de pesquisa, pois juntamente com a abordagem fenomenológica consigo ter maior liberdade para permitir que a sensibilidade conduza essa pesquisa, e que consiga mostrar os fenômenos como eles de fato se apresentam, sem nenhuma pretensão de trazer respostas ou soluções para os mesmos.

A pesquisa foi realizada na instituição Escola Estadual Professora Edeli Mantovani que está localizada na rua Carlos Eduardo, Quadra 17, número 770, no bairro Jardim São Paulo, no Município de Sinop, e é mantida pelo Governo do Estado de Mato Grosso através da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC – MT), sob a jurisdição da Diretoria Regional de Educação (DRE – MT) que atende as etapas Ensino Fundamental, Ensino Médio, Anos Iniciais, Anos Finais e a modalidade regular da EJA. A modalidade EJA é ofertada no período noturno.

O Pesquisador Valendolf (2023) fez uma avaliação profunda sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola no ano de 2023, constatou que no Ensino fundamental regular contém 560 alunos; Ensino médio regular contém 1535 alunos; Ensino fundamental EJA 2º segmento contém 471 estudantes; e Ensino médio EJA contém 219 estudantes, contabilizando no Total = 2785 matrículas.

Para que se consiga compreender com totalidade meu objeto e campo de estudo, proponho a trabalhar com a observação, pois é pertinente que o pesquisador, não se concentre e se limite apenas nos dados coletados, por meio de questionário e entrevistas, é importante usar a observação como um instrumento que pode ajudar a revelar possíveis inconsistências entre o que é dito, e o que é vivenciado.

> A observação direta apresenta a vantagem metodológica de permitir um acompanhamento mais prolongado e minucioso das situações. Essa técnica, complementada pelas técnicas de entrevista em profundidade, revela o *significado* daquelas situações para os indivíduos, que sempre é mais amplo do que aquilo que aparece em um questionário padronizado (Goldenberg, 2004, p.34).

Neste primeiro momento de coleta de dados, durante os dias de observação, ao adentrar os espaços da escola, observei como os estudantes se organizavam

e quais eram as características principais daquele pequeno grupo de estudantes da Escola Edeli Mantovani do período noturno da modalidade EJA. O segundo momento de observação esteve direcionado para a sala de aula, onde observei 7(sete) aulas de Sociologia do 2° segmento do ensino médio (o 2° segmento representa o 2° ano do ensino médio regular). Cada segmento corresponde a um semestre letivo, que equivale a 100 (cem) dias letivos. A carga horária diária é de 4 (quatro) horas.

Para conseguir ter uma visão mais global das aulas de Sociologia, a observação se torna imprescindível para melhor compreender meu objeto de estudo. A observação se pautou nos seguintes pontos: a) como ocorre a dinâmica da sala de aula: b) quais os temas são trazidos para discussão: c) qual material é usado para condução das aulas: d) como tem sido o interesse e participação dos estudantes nas discussões em sala, entre outras questões que podem surgir durante a observação. “A pesquisa científica requer flexibilidade, capacidade de observação e de interação com os pesquisados. Seus instrumentos devem ser corrigidos e adaptados durante todo o processo de trabalho, visando aos objetivos da pesquisa. No entanto, não se pode iniciar uma pesquisa sem se prever os passos que deverão ser dados” Goldenberg, 2004, p.79).

A observação direta é uma técnica que permite visualizar de forma mais ampla os fenômenos investigados, dando maior propriedade para que se possa visualizar e mostrar nessa pesquisa as e suas múltiplas facetas. A observação contribuiu para que o pesquisador consiga respostas e informações, que não foram reveladas nos questionários e entrevistas. A observação em uma entrevista semiestruturada é o processo pelo qual o entrevistador se concentra não somente nas respostas verbalizadas dos entrevistados, mas também nos comportamentos, expressões, gestos, entonação e outros aspectos não transmitidos durante a entrevista. A técnica de observação pode fornecer um conhecimento adicional que complementa as respostas do entrevistado.

O documento referencial para implementação das diretrizes operacionais de EJA, nos Estados, Municípios e Distrito Federal de 18 de maio de 2021, caracteriza o 3° segmento como;

> Equivale à etapa do Ensino Médio da Educação Básica. A duração mínima é de 1.200 (mil e duzentas) horas quando ofertada apenas a

> formação geral básica. As organizações pedagógicas do 3º segmento da EJA, seguem o disposto na BNCC, contextualizada à realidade dos sujeitos da EJA no que diz respeito às áreas do conhecimento e à prerrogativa interdisciplinar de ensino e aprendizagem nas Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza e suas Tecnologias ofertadas ao longo de 3 etapas, com 400 horas por semestre ou módulo, totalizando as 1200 horas previstas para as etapas.

Esta pesquisa foi realizada com 5(cinco) estudantes adultos do ensino médio da modalidade EJA, do 2° segmento do ensino médio, e com 3 (três) professores regentes. Como critério de seleção dos sujeitos para as entrevistas, optei por não usar de critérios estáticos que fossem preestabelecidos e que delimitassem quem seriam as pessoas investigadas. Optei que os estudantes que seriam meus futuros investigados para a pesquisa, se aproximassem de mim e se sentissem à vontade para dialogar e contar de forma despretensiosa sobre suas vidas. A minha proposta inicial foi que por meio da minha aproximação com esses estudantes, eles se mostrassem dispostos a dialogar, e relatar sobre suas vidas em momentos de conversas na sala, ou durante o intervalo enquanto o lanche era servido, e que os primeiros diálogos sobre suas vivências, não fossem marcados pela formalidade de uma entrevista, mas sim, que fossem relatadas pelo prazer da conversa e de confiança em quem os escutava. Posso dizer que não selecionei por conta própria meus sujeitos de pesquisa.

Após me inserir em seus espaços e buscar contato, eles se aproximaram, se mostraram abertos em dialogar sobre suas vidas, sobre suas rotinas e sobre uma grande curiosidade em saber o que eu faria com essa pesquisa e para que ela seria usada. Diante dessa aproximação, selecionei 5(cinco) estudantes para dialogar e para participar da pesquisa

Também selecionei, 3(três) professores regentes que atuam na EJA. A Proposta inicial era apenas selecionar professores de Sociologia para a pesquisa, mas diante da instituição ter apenas um segmento do ensino médio em funcionamento, se encontrava apenas um professor em exercício. Então, para o diálogo sobre as dificuldades encontradas em relação ao planejar e a perspectiva sobre o material vigente e, para não ser limitada apenas a uma opinião, optei por ouvir outros dois professores, para compreender se aquela perspectiva era restrita à professora e ao Ensino de Sociologia, ou se estendia para outros componentes curriculares.

Utilizei um questionário de identificação, que foi entregue alguns dias antes da realização da entrevista para traçar o perfil dos estudantes que aceitaram participaram da pesquisa, para que no momento da entrevista, eu já soubesse por meio do questionário quem era a pessoa que eu estava entrevistando.

> O pesquisador deve ter em mente que cada questão precisa estar relacionada aos objetivos de seu estudo. As questões devem ser enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir, tentando abranger diferentes pontos de vista" (Goldenberg, 2004, p.86).

O questionário utilizado com estudantes é denominado como Drop-off. Neste tipo de método, trabalhei com questionário impresso, deixei com cada estudante que foi escolhido para fazer a pesquisa, e recolhi depois de alguns dias. Utilizei o questionário impresso para facilitar o preenchimento das informações, visto que um formulário online necessita de uma habilidade maior com a tecnologia, e como entrevistei pessoas de diferentes idades, decidi me precaver para que nenhuma informação fosse perdida durante a caminhada da pesquisa. Para evitar qualquer tipo de dificuldade com o preenchimento, optei por esse questionário, para evitar quaisquer constrangimentos, ou falta de levantamentos de informações por fatores externos. "Neste tipo de método, o pesquisador vai até a casa do correspondente (ou seu local de trabalho) e deixa com ele o questionário. [...]em outros casos, o próprio entrevistador passará para apanhá-lo" (Moreira, 2022, p. 41).

Trabalhar com questionários é muito vantajoso para o pesquisador, pois ele traz inúmeros benefícios: exige menos habilidade para sua aplicação, pois as perguntas já estão pré-estabelecidas, pode ser enviado pelo correio ou entregue nas mãos do entrevistado e pode ser aplicado para um grande número de pessoas ao mesmo tempo. A uniformidade das perguntas permite uma maior facilidade para mensurar os resultados da pesquisa e os pesquisados se sentem mais livres para exprimirem suas opiniões sem o temor em serem desaprovados, ou colocados em dificuldades(Goldemberg, 2004).

Trabalhei com entrevistas semiestruturadas para coletar informações dos 5(cinco) estudantes e dos 3(três) professores selecionados, pois esse é um recurso que dá maior liberdade para a entrevistadora e entrevistado. Para a

entrevistadora, enquanto condutora da entrevista, permitiu captar minúcias, novos rumos e questionamentos durante a entrevista. E para o entrevistado, esse recurso possibilitou relatar de forma leve sobre suas vivências e sobre as questões que foram levantadas pela entrevistadora.

Por mais que o momento da entrevista seja de seriedade, rigor e muito comprometimento por parte do entrevistador, para quem está sendo entrevistado, pode ser encarado como um momento leve e descontraído, onde ele se sinta ouvido, e fique à vontade para relatar sobre os questionamentos que serão abordados, e até mesmo, alguma novidade que sinta vontade de compartilhar.

> Segundo nosso ponto de vista, para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados.[...] apesar de reconhecer o valor da entrevista aberta ou livre, que não deve ser confundida com a entrevista não-diretiva, queremos privilegiar a entrevista semi-estruturada porque esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (Trivinos, 1987, p.145).

A entrevista é uma conversa entre duas pessoas, onde o pesquisador deseja ouvir e compreender informações que o entrevistado pode revelar. Informações estas, que podem ajudar o pesquisador a visualizar e compreender seu campo de pesquisa.

> O entrevistador pergunta algumas questões em ordem predeterminada, mas dentro de cada questão, é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares, sempre que algo interessante e não previsto na lista de questões original aparecer (Moreira, 2002, p.55).

Nesse sentido, a entrevista semiestruturada me permite estar aberta as minúcias e as novidades que podem surgir durante a entrevista. Ela me tira de uma posição estática de apenas fazer perguntas para o meu entrevistado. Ela “abre o leque” para os novos rumos que a entrevista pode tomar, dando liberdade para algo interessante que possa aparecer.

Para a realização das entrevistas utilizei gravadores e microfones para gravar o áudio dos entrevistados, e um celular com ótima resolução para fazer registro de fotos durante o processo da pesquisa. Para a transcrição das

entrevistas foi necessário o auxílio do programa Transkriptor que transcreve arquivos de áudios e vídeos.

Como produto final deste trabalho de conclusão de curso, propus elaborar um material pedagógico de cunho orientativo para os professores da disciplina de Sociologia, com o intuito de propor temáticas que venham do contexto social dos estudantes da EJA de Sinop. A ideia de propor esse material pedagógico, surgiu no momento que esta investigadora teve contato com o material didático ofertado pela SEDUC (Secretaria de Estado da Educação) para os estudantes da EJA do ensino médio. Pude verificar dentro da Plataforma Plural, programa que hospeda todos os materiais pedagógicos em PDF para uso dos professores, que não existia nenhum material voltado para a disciplina de Sociologia, mas sim, um material de Ciências humanas, onde as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia tem a proposta de serem trabalhadas de forma interdisciplinar, mas que na prática se torna difícil sua aplicação, pela maneira que o material é organizado.

Sabemos que a Sociologia é um componente curricular de fundamental importância para discutir sobre questões sociais, sobre seus direitos, deveres, e o mundo em que estão inseridos. Oportunizar discussões e vivencias tão ricas que essa disciplina pode proporcionar é importante e muito potente para o estudante que decide voltar para a escola.

Já sabemos que o currículo da EJA não pode acontecer de forma infantilizadora, ele precisa caminhar e se flexibilizar às necessidades e interesses desses estudantes. Como dialogar de uma forma dinâmica e significativa com esses estudantes adultos e trabalhadores? Como fazer uma conexão entre o conteúdo e a aprendizagem?

A Sociologia pode ser uma importância ferramenta que pode contribuir diretamente na aprendizagem desses estudantes. Mas como fazer essa aproximação da Sociologia com a vivência, se a Sociologia não mostra sua face diretamente no material didático? Ela está simplesmente inserida no material de ciências humanas sem grandes evidências.

A proposta, então, foi organizar um material complementar para o ensino de Sociologia para os professores e para os estudantes, onde o mesmo auxilie

com propostas e temáticas significativas para discussões em sala de aula. O material proposto foi construído seguindo temáticas retiradas do interesse e da necessidade do grupo entrevistado.

1.6 Material Pedagógico

Ao fazer uma pesquisa inicial sobre o material didático que é ofertado na EJA (regular) presencial do ensino médio para o ensino de Sociologia, pude verificar que existe uma deficiência quanto ao material direcionado para se trabalhar tal componente. O que está sendo ofertado para o ano de 2025 e disponibilizado para os professores da modalidade na Plataforma Plural [3](é um material de ciências humanas, onde as disciplinas como: história, Geografia, Filosofia, e Sociologia tem a proposta de serem trabalhadas de forma interdisciplinar, o que na prática, não acontece, devido a maneira que o material é organizado, não contemplando questões que dialoguem de forma significativa com os estudantes.

Trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar pode contribuir muito para um aprendizado significativo, mas essa maneira de relacionar os conteúdos não pode substituir a importância de trazer temáticas extremamente importantes que devem existir e serem discutidas dentro da disciplina de Sociologia. É importante se pensar na importância que esse componente curricular ocupa na modalidade EJA, pois ela se caracteriza muito além de uma disciplina, e sim como uma ferramenta de emancipação social, quando relacionada com as vivências e realidades desses estudantes.

A Sociologia não é um mero componente curricular que pode ser trabalhado de forma generalizada dentro de outros conteúdos, é importante que exista um material que contribua e oriente os professores quanto às aulas de Sociologia, ainda mais, quando estamos falando de modalidade EJA, onde as discussões sobre seu contexto social podem contribuir muito para seu aprendizado. É preciso aproveitar as possibilidades e potencialidades que esse componente oferta para a formação crítica e emancipadora desses estudantes.

[3]Plataforma Plural é uma plataforma pedagógica gratuita, oferta pela SEDUC(Secretária de Educação e Educação) onde ficam depositados os materiais didáticos de uso dos professores e onde podem postar atividades para os estudantes.

A Sociologia dentro das salas de EJA cumpre um papel muito importante. É preciso discutir questões do cotidiano desses estudantes e relacioná-las com o ensino de Sociologia, proporcionando discussões potentes e significativas para dentro da sala de aula, para que essas discussões possam contribuir para a formação crítica desses estudantes.

Pensando na importância de um recurso educacional direcionado para o ensino de Sociologia, como produto final deste de trabalho de curso, me propus a construir um material orientativo de introdução ao ensino de Sociologia com o intuito de auxiliar professores e estudantes, nas discussões em sala de aula , evidenciando a importância da Sociologia na vida desses estudantes de uma forma dinâmica e interativa.

Esse material descreve de forma leve, e em uma linguagem acessível, o surgimento da Sociologia e a sua importância para compreender a sociedade; e tudo isso pode auxiliar o professor de Sociologia da EJA a pensar em possibilidades de temáticas que podem contribuir com as discussões em sala de aula. A proposta foi construir esse material pautado nos temas geradores dos estudantes investigados, ou seja, propor algo que estivesse ligado diretamente às necessidades daquele grupo. Diante da fala dos estudantes, nos momentos de entrevista, pude compreender que eles apresentavam uma relação de distânciamento com o ensino de Sociologia, e por mais que gostassem da professora e de dialogar com ela, não compreendiam o que era Sociologia e nem sua funcionalidade, portanto se fez necessário construir esse material introdutório para auxiliar a professora e estudantes nas discussões em sala de aula

2 A história da Sociologia como Ciência

O surgimento da sociologia não é obra de um único estudioso ou cientista, ela foi pensada por um conjunto de pensadores que sentiram a necessidade de compreender as modificações sociais que estavam em curso em seu determinado tempo. “O seu surgimento ocorre num contexto histórico específico, que coincide com os derradeiros momentos da desagregação da sociedade feudal e da consolidação da civilização capitalista (Martins, 1994, p. 5)”.

O Século XVIII traz diversas transformações sociais e marcos importantes que contribuem para o surgimento da Sociologia como ciência. Segundo (Martins, 1994) a Revolução Industrial representou muito mais do que uma mudança da modificação do trabalho humano e do surgimento das máquinas. Ela representa o triunfo da indústria capitalista dirigida e comandada pelos empresários capitalistas que foi aos poucos, organizando as terras, os trabalhadores, as máquinas ao seu comando, “[...] convertendo grandes massas humanas em simples trabalhadores despossuídos” (Martins, 1994, p.06). A cada avanço que o capitalismo conquistava, a cada espaço ocupado, diversas modificações iam se instalando, e novas formas de organização e vida social estavam se formando.

Ainda segundo o autor, a Inglaterra entre 1780 a 1860, havia se modificado de forma marcante, o capitalismo estava ganhando força e espaço e modificava diretamente o modo de vida das pessoas.

> [...] País com pequenas cidades, com uma população rural dispersa, passou a comportar enormes cidades, nas quais se concentravam suas nascentes indústrias, que espalharam produtos para o mundo inteiro. Tais modificações não poderiam deixar de produzir novas realidades para os homens dessa época (Martins, 1994, p.07).

A Sociologia como Ciência surge em um contexto de fortes mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, mais precisamente para compreender as mudanças causadas pela “Revolução Industrial”, pois esse período trouxe diversas mudanças como: substituição do trabalho humano por máquinas, transformação de produção de bens e produtos, além de modificar o modo de vida das pessoas.

> [...] Estas transformações, que possuíam um sabor de cataclisma, faziam-se mais visíveis nas cidades industriais, local para onde convergiam todas estas modificações e explodiam suas consequências. Estas cidades passavam por um vertiginoso crescimento demográfico, sem possuir, no entanto, uma estrutura de moradias, de serviços sanitários, de saúde, capaz de acolher a população que se deslocava do campo (Martins, 1994, p. 07).

Esse período de industrialização modificou diretamente o modo de vida das pessoas que moravam no campo, pois muitas delas, precisavam se deslocar para as cidades grandes em busca de trabalho e qualidade de vida, já que as indústrias estavam crescendo e precisavam de mão de obra para operar as máquinas. É nesse contexto de ambientes urbanos super lotados e com diversas transformações, que ocorrem várias epidemias, aumento da violência, criminalidade, alcoolismo, prostituição, entre outros problemas sociais. Em meio a esse caos e diversas mudanças sociais, como resultado da industrialização, é que surge a “Sociologia como Ciência” com o objetivo de estudar as manifestações sociais daquela época, e com o intuito de explicar os fatos daquela nova realidade social.

O autor aponta, ainda, para um movimento de muita importância que esteve diretamente ligado a Revolução Industrial. É o Surgimento do Proletariado e o papel social que ele ocupa dentro da sociedade capitalista. O capitalismo acarretou diversas mudanças no modo de vida dos trabalhadores, fazendo com que eles lutassem pelas condições de existência que estavam sendo submetidos.

A revolta dos trabalhadores foi marcada por lutas e reivindicações por conta das intensas e árduas horas de trabalho com condições péssimas, e salários muitos baixos.

Segundo (Martins, 1994, p.07)

> [...] As manifestações de revolta dos trabalhadores atravessaram diversas fases, como a destruição das máquinas, atos de sabotagem e explosão de algumas oficinas, roubos e crimes, evoluindo para a criação de associações livres, formação de sindicatos etc..

Mas qual a relevância desses acontecimentos para a sociologia enquanto ciência? É importante salientar que todas essas transformações sociais colocaram a sociedade como “objeto de estudo” que estava passando por diversos problemas e deveria ser investigada.

O autor aponta que os ingleses acompanhavam as transformações sociais da época, e até se preocupavam com elas, porém não eram sociólogos e nem cientistas, eram homens conservadores, que defendiam correntes liberais e que queriam inserir modificações na sociedade. “Os pensadores ingleses que testemunhavam estas transformações e com elas se preocupam não eram, no entanto, homens de ciência ou sociólogos que viviam desta profissão” (Martins, 1994, p. 07).

Esses homens não estavam preocupados em meramente pesquisar e descobrir novos conhecimentos partindo dos problemas sociais que estavam surgindo, mas sim, extrair deles uma resposta, uma solução que pudessem contribuir nas novas condições de vida que as pessoas estavam vivendo, ou seja, queriam soluções práticas e rápidas para a ação.

O autor relata que alguns pensadores daquele momento histórico como; William Thompson (1775-1833) e Jeremy Bentham (1748-1832), não concordavam, entre si, sobre os acontecimentos sociais que estavam acontecendo, serem gerados pelar revolução industrial e as modificações que seriam propostas para tais acontecimentos, “[...] mas todos eles concordavam que ela estava produzindo novos fenômenos que mereciam ser analisados [...]

Neste contexto, a sociologia nasce e se constitui enquanto ciência, como uma consequência, como uma resposta aos fenômenos sociais gerados pela revolução industrial.

> Boa parte de seus temas de análise e de reflexão foi retirada das novas situações, como, por exemplo, a situação da classe trabalhadora, o surgimento da cidade industrial, as transformações tecnológicas, a organização do trabalho na fábrica etc. (Martins, 1994, p.08).

A sociedade capitalista é consolidada com o movimento da revolução industrial, e com ela o seu contexto social é modificado, sua estrutura alterada e diversos problemas surgem. Esses problemas de certa forma impulsionam diversas reflexões sobre a sociedade e sobre suas modificações.

Nesse sentido, podemos afirmar que a sociologia surge de um contexto problemático como uma resposta dele, com o intuito de investigar e produzir conhecimento e reflexões para tais manifestações sociais.

> [...]Não é por mero acaso que a sociologia, enquanto instrumento de análise, inexistia nas relativamente estáveis sociedades pré-

> capitalistas, uma vez que o ritmo e o nível das mudanças que aí se verificavam não chegavam a colocar a sociedade como "um problema" a ser investigado (Martins, 1994, 08).

O autor ainda aponta que existe outro motivo que contribuiu para a formação da sociologia enquanto Ciência, que são as transformações do pensamento, ou seja, a forma como as coisas eram vistas, percebidas, compreendidas e explicadas naquela época.

A partir das modificações sociais, o pensamento vai se modificando e aos poucos vai renunciando a forma de pensamento existente, que era compreendida e explicada utilizando uma visão teológica e sobrenatural, e passou a ganhar indagações racionais, ou seja, se basear em fatos empiricamente comprovados para investigar os fenômenos que estavam acontecendo.

O livre pensar da razão ganhou forças ainda no século XVII, com os chamados racionalistas. Eles contribuíram com o avanço do conhecimento racional, e a renúncia do conhecimento teológico e dogmático que era considerado um conhecimento abstrato.

Essa nova ótica para interpretar os fenômenos passa a aplicar como método científico a observação e a experimentação. “O emprego sistemático da observação e da experimentação como fonte para a exploração dos fenômenos da natureza estava possibilitando uma grande acumulação de fatos” (Martins, 1994, p.09). Essa possibilidade de comparação entre os fatos acumulados dava aos homens poder para compreender o que estava sendo investigado de uma perspectiva mais precisa, tomando como base a realidade.

Nildo Viana (2007) aponta que devido ao status e respeito que o estudo das ciências naturais tinha socialmente, e que os primeiros cientistas que se dedicam ao estudo da sociedade se inspiravam nos métodos das ciências naturais. No entanto, essas primeiras ideias de se pensar em uma ciência que estudasse as manifestações sociais, partiam de um pensamento filosófico, e seu embasamento empírico ainda se mostrava muito ineficiente.

> [...]No entanto, as primeiras tentativas nesse sentido, tais como as de Saint-Simon, Proudhon, Comte e Spencer, entre outros, ainda não haviam conseguido desvencilhar-se da influência do pensamento filosófico. A maioria dos pensadores até então produziram ‘filosofias da história’ e o embasamento empírico, muitas vezes anunciado e exaltado, manifestava-se extremamente deficiente (Viana,2007, p. 26).

Para superar essa perspectiva já existente de uma ciência que sofria uma grande influência filosófica, mas adiante, no final do século XIX, três pensadores superam as limitações existentes e constroem as bases da sociologia.

Viana (2007) aponta que Karl Marx é o primeiro estudioso apontado na ordem cronológica, porém Émile Durkheim e Max Weber demonstram uma ambição para a constituição e consolidação dessa ciência social.

Segundo Viana (2007), Emile Durkheim (1858-1917), sociólogo Francês do século XIX, é um dos percussores da sociologia e contribuiu muito para a consolidação da mesma, com o fornecimento de procedimentos metodológicos que contribuíram para a construção do objeto de estudo da sociologia. Durkheim defende a ideia da unidade metodológica entre ciências naturais e ciências humanas, e que o pesquisador pode utilizar a aplicação dos métodos das ciências naturais para compreender os fenômenos sociais. Durkheim defende a neutralidade dos valores, ou seja, é a postura que o pesquisador precisa ter diante do objeto pesquisado, a capacidade de se manter a distância para pesquisá-lo, sem interferir nos resultados, "[...] o sociólogo deve colocar-se diante dos fenômenos sociais como o físico o faz, afastando todos os seus preconceitos, pré-noções" (Viana, 2007, p.24).

Para Durkheim, a sociedade é como um organismo vivo, onde cada parte dela é de extrema importância para que a sociedade funcione de forma saudável, ou seja, cada parte da sociedade é importante para seu funcionamento como igreja, família, governo e etc...

Para ele, o objeto de estudo da sociedade eram os “fatos sociais”, que deveriam ser investigados como coisas, ou seja, como objetos do mundo físico, que podem ser observados e pesquisados de forma objetiva.

> Eis, portanto uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteri exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (Durkheim, 2007, p. 03).

Viana (2007) nos ajuda compreender a definição de fato social;

> [...]O fato social, na definição durkheimiana, é objetivo, exterior, coercitivo e independente do indivíduo. Tais fatos sociais são como os objetos do mundo físico e por isso são tão objetivos quanto os fenômenos naturais. Esses fatos sociais podem ser exemplificados pelos papéis sociais dos indivíduos (de marido, pai, filho, esposa, cidadão, etc.) e por fenômenos como as regras morais, o sistema financeiro, etc.[...] (Viana, 2007, p.25).

Durkheim defendia a ideia de que um fato social só pode ser explicado por outro fato social, ou seja, um fato social não teria várias causas para ocorrer ao mesmo tempo. Para ele, cada fato social tem uma causa principal, e o sociólogo teria que achar a sua causa.

> [...] defende a ideia de que somente existe uma causa para um efeito e que este só pode ser gerado por uma única causa e que a explicação dos fatos sociais ocorre através de uma relação de causalidade, sendo que somente os fatos sociais anteriores podem explicar os posteriores, e a análise sociológica se torna completa quando se analisa a função, o que deve ser feito posteriormente à descoberta da causa (Viana, 2007, p.24).

Para Viana (2007), Max Weber (1864-1920) foi outro importante sociólogo que contribuiu para a consolidação da sociologia como ciência. Ele contribuiu para o surgimento da Sociologia na Alemanha, e se preocupou em criar métodos e objetos de estudos próprios para suas análises.

O primeiro ponto, que é importante destacar, é que ele adota um modo de pesquisa diferente de Durkheim, e não acreditava na ideia da unificação da metodologia das ciências naturais e das ciências humanas. Para ele não dava para estudar os seres humanos como se estuda a natureza, ou seja, se o objeto de estudo é diferente, o método precisa ser diferente., portanto, não acreditava na precisão dessa unificação.

> Ele defende a tese da distinção entre ciências naturais e ciências humanas – uma vez que as primeiras buscam a explicação, as leis, e as ciências do homem buscam a compreensão dos fenômenos singulares – e propõe um método próprio para as últimas, que ele denomina ‘método compreensivo’. (Viana, 2007, p. 25).

A Sociologia compreensiva de Weber está direcionada a descobrir o sentido que determinada ação tem para cada indivíduo, diferentemente de Durkheim, que estava disposto em descobrir as causas externas ao indivíduo.

> O método compreensivo é, portanto, o método da Sociologia. Mas qual é o objeto dessa ciência? Weber definiu a ação social como objeto de estudo da Sociologia. O que é a ação social? Segundo Weber, nem toda ação que ocorre na sociedade é ação social. A ação social é aquela que o sujeito atribui um sentido à sua ação que está voltado para a ação dos outros. Um acidente entre dois ciclistas não é uma ação social, visto que o sentido da ação dos agentes envolvidos no acidente não estava voltado para o outro. Da mesma forma, quando começa a chover e vários indivíduos abrem o guarda-chuva, esse ato não constitui uma ação social. A ação social pressupõe um sentido e, mais que isso, que ele esteja voltado para outros[...] (Viana, 2007, p.26).

Segundo Viana (2007), Weber utiliza dentro de seu método a ‘ação “social“ como objeto de estudo, nela ele explica que é a forma com que os indivíduos atribuem sentidos a uma ação que está voltada para a ação do outro..”[...] Ação ‘social’, por sua vez, significa uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso[...]” (Weber, 2012, p. 3).Nesse sentido, ele afirma que uma ação social, só pode ser entendida como ação social, se ela estiver atribuindo sentido ao outro

Weber também elabora uma tipologia para a ação social, ela contribui para a compreensão de cada ação humana. Para ele, existem quatro tipos de ação social: ação tradicional (com base em hábitos, ou costumes; ação com relação a valores (ação direcionada por religião, ética ou moral); ação social com relação a fins (ação pensada em determinado fim); e ação afetiva (guiada pelas emoções e sentimentos).

> [...]Para Weber, existem quatro tipos de ação social: a ação social afetiva, a ação social tradicional, a ação social racional com relação a valores, a ação social com relação a fins. A ação social afetiva se orienta pela afetividade que pode ser expressa no amor, no ódio, na amizade, na paixão. A ação social tradicional se orienta pela tradição, pelos costumes. A ação social racional com relação a valores se orienta por valores utilizando meios racionais. A ação social racional com relação a fins se orienta pela racionalidade tanto nos meios quanto nos fins (Viana, 2007, p 26).

Segundo Viana (2007), Karl Marx (1813-1883) foi um importante pensador, diferente de Weber e Durkheim, ele não se preocupou em criar uma ciência particular para investigar os fenômenos sociais, muito pelo contrário, ele elaborou diversas críticas às ciências particulares, pois alegava que elas eram subjetivas, "[...]. Sua formação apontava para pensar a realidade como uma totalidade, sem os recortes realizados pelas ciências particulares” (Viana, 2007, p.35).

Karl Marx se dedicou a estudar sobre a sociedade capitalista, sua possível contradição. Em sua teoria ele trouxe vários apontamentos sobre questões históricas, econômicas, política e filosófica, e etc.

> [...] Marx se tornou um clássico da Sociologia sem nunca ser sociólogo e nunca ter se autointitulado assim, bem como é considerado também um clássico da Filosofia, da Economia e da Historiografia, sem ser filósofo, economista e historiador. Isso sem falar na influência que exerceu em todas as demais ciências humanas e até mesmo em algumas ciências naturais. (Viana, 2007,p. 35).

Segundo Viana (2007), Marx apesar de sua área de estudo ser o direito e posteriormente a filosofia, se dedicou a carreira de jornalista e sofreu uma vida de muita tribulação devido aos seus posicionamentos e seu engajamento político. Marx desenvolveu o método de estudo denominado Materialismo histórico dialético. O método dialético é uma estratégia prática para investigar a realidade, e o materialismo histórico é uma teoria da história.

O método de Marx se distinguia da proposta de weber e de Durkheim, pois ele acreditava que para investigar a sociedade a postura do pesquisador não poderia ser igual a de um físico ou químico, pois faltaria condições e possibilidades de investigação e experimentação. Nesse sentido, ele discorda da teoria da unidade metodológica entre ciências humanas e ciências da natureza de Durkheim, que afirmava que era possível investigar as ciências da mesma forma.

> [...] O método dialético de Marx se distingue tanto do método naturalista de Durkheim quanto do método compreensivo de Weber. Marx dizia que aquele que estuda a sociedade não pode colocar-se na mesma posição de um físico ou químico, pois lhe falta a possibilidade de experimentação e os instrumentos disponíveis para esses cientistas[...] (Viana, 2007, p 39).

Marx partia da ideia do “concreto dado”, ou seja, é preciso sair do concreto para chegar no “concreto-pensado” por meio da abstração. O concreto dado está ligado a realidade, ao dia a dia, como ele de fato é, e para que se compreenda as manifestações sociais, elas não podem ser investigadas de formas superficiais, ou genéricas, é preciso abstrair, selecionar, separar os elementos da realidade para que eles sejam investigados e compreendidos com precisão. Dessa forma, o “concreto pensado” é esse movimento de compreender a realidade de forma profunda.

Segundo Viana (2007), para Marx, a realidade e a forma como a realidade é compreendida, de fato, é um produto histórico. Segundo ele, é possível interpretar a realidade e compreendê-la desde que se faça distinção: "[...]As relações sociais possuem um engendramento histórico e a percepção delas também, isto é, tanto a realidade quanto a percepção da realidade são produzidas historicamente [...]” (Viana, 2007, p.40). Ou seja, a sociedade e a forma que pensamos sobre ela, são produtos históricos; é preciso abstrair,

separar os fatos, as relações de como o fato aconteceu, e como aconteceu, para que possamos compreender com clareza a realidade.

2.1 A inserção da sociologia como componente curricular na educação básica.

Neto (2019) menciona que a primeira vez que a Sociologia apareceu no currículo da educação básica foi por volta do século XIX, para ser mais exata no ano 1882. Segundo o autor, o Ministro Ruy Barbosa (1849-1923) emitiu pareceres que sugeria a Sociologia na educação básica, e também fazer parte nos programas de curso de direito.

Mas segundo o autor, foi apenas em 1891 que a sociologia foi de fato inserida no currículo, com a reforma educacional por Benjamim Constant (1836-1891). Essa proposta foi aprovada em novembro de 1890, "[...] sob o título de Sociologia e moral, e pré-formatada pelo espírito positivista reinante na ciência da época [...]"(Neto, 2019, p.119). De início a disciplina era cursada por estudantes do 6º e 7º anos dos cursos secundários ofertados. Mas não demorou muito, e ela logo deixou de ser disciplina obrigatória e foi retirada do currículo, em 1901, pela reforma Epitáfio pessoa.

Ainda segundo o autor, a reforma de Rocha Vaz (1931), e comprovada pela reforma Francisco campos em 1931, possibilitou a volta da sociologia ao currículo como um conteúdo que deveria ser utilizado nas avaliações de inserção de estudantes nas universidades. Além de estar inserida novamente nos currículos escolares, ela estava presente na formação de professores primários e secundários no Rio de Janeiro e Pernambuco. Em 1931 com o início do governo de Getúlio Vagas, a sociologia passou a fazer parte do currículo dos cursos complementares, (os cursos complementares vinham posteriores ao Ginásio, com o objetivo de possibilitar escolhas de acordo com a carreira que o estudante pretendia seguir).

Nesse período, a sociologia ainda dava seus primeiros passos, que segundo o autor, apresentava um cunho muito cientificista, "[...] uma sociologia voltada ao civismo, e ao nacionalismo [...]" (Neto, 2019, p. 118) ou seja, acreditavam que a sociologia na sua condição de ciência, proporciona uma importante capacidade

para compreensão da realidade, compreensão diretamente ligada as interpretações positivistas.

É importante destacar o cunho especifico da sociologia nesse período, tanto na formação de professores, como nos cursos preparatórios. Para a formação de professores, ela cumpria a função de garantir cientificidade aos cursos. Já na formação dos cursos secundários, seu objetivo estava ligado ao civismo e nacionalismo.

Ainda segundo o autor, entre 1925 e 1942, foi marcado como período de maior duração da obrigatoriedade da sociologia no currículo, mais adiante a sociologia seria descartada e considerada uma ameaça. Em 1942, ocorreu a reforma de Capanema, que dentre as suas ações, excluiu a sociologia da educação básica, mantendo apenas para a formação de professores nos cursos normais, denominada de sociologia geral, ou sociologia da educação.

O autor enfatiza para o tempo que ele considera como um vácuo na educação com a retirada da sociologia, que ocorreu em 1942, e só foi interrompida, no ano de 2008, com o seu retorno para o currículo.

> Nesse período de marginalização (1942-2008) a sociologia se fez presente de forma esporádica, descontinua. Houve alguns momentos de debates, nos meios acadêmicos, sobre a necessidade do ensino dessa disciplina na educação básica, conforme defendido, por exemplo, pelo sociólogos Luiz de Aguiar Costa Pinto e Florestan Fernandes, anos de 1950 (Neto, 2019, p.120).

Nesse meio tempo, havia sociólogos que se posicionavam de forma negativa diante da exclusão da sociologia na educação básica, um deles foi Luiz de Aguiar Costa Pinto, que escreveu vários artigos defendendo sua postura; diante disso e foi preso por oito meses pela ditadura Vargas.

O autor anda menciona sobre o posicionamento de outro sociólogo, Antônio Cândido (1918- 2017), que se posicionou a favor da Sociologia apenas para a formação dos cursos de professores, pois para ele, essa disciplina só deveria iniciar depois que o estudante tivesse uma bagagem de conhecimentos anteriores como história, geografia e filosofia, portanto, só seria recomendado nas formações secundárias.

Diante do posicionamento de Antônio Candido, conseguimos vislumbrar, como existia uma visão extremamente cientificista da sociologia para a educação básica, como se esse conhecimento não pudesse ser algo acessível e compreensível para os estudantes da educação básica, como se esse conhecimento fosse reservado para poucos, associando esse pensamento a visão elitista.

Florestan Fernandes foi um importante sociólogo que se posicionou firmemente contra essa visão elitista sobre o ensino de sociologia, e brigou bravamente para sua inserção na educação básica.

> [...] Fernandes argumentou que o ensino médio funcionava no Brasil, apena como ponte para o ensino superior (ensino propedêutico) isto é, tinha um caráter ilustrado, de aquisição de informações despedidas de espírito crítico o que justificaria a exclusão da sociologia da educação básica, advinda da Reforma Capanema (Neto, 2019, 121).

No âmbito educacional, por volta de 1950, Florestan Fernandes enxergava essa visão elitista de como o ensino de sociologia era visto e compreendido.

> Esse importante debate entre as décadas de 1930 e 1950 sobre a sociologia na educação básica foi curiosamente secundarizado na produção da academia das ciências sociais nas décadas posteriores, retornando apenas, no final do século XX (Neto, 2019, 121).

Florestan defendia uma sociologia que fosse pensada com um teor formativo, direcionado a reflexão histórica, e não focado em reproduzir um padrão enciclopédico já estabelecido.

2.2 A retomada do debate sobre a Sociologia na educação básica.

Segundo Neto (2019), em 1990 começaram a aumentar as propostas curriculares para o ensino de Sociologia nos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e Mato grosso. O autor ainda cita que no ano de 1997, o Estado de Mato Grosso instituiu a obrigatoriedade do ensino de Sociologia na educação básica, antes mesmo de ser instituído o curso de Ciências Sociais na (UFMT) Universidade Federal de Mato Grosso.

Ainda segundo o autor, por volta do final da década de 1990, iniciou-se a implementação obrigatória da Sociologia nos currículos de alguns estados, visto que o contexto da filosofia e sociologia apareciam no documento da LDB (Lei de diretrizes e Bases), não de forma disciplinar, mas mostrando uma forte movimentação para a volta da Sociologia no currículo.

Mas a cada avanço que se fazia em relação a implementação da Sociologia na educação básica, sempre apareciam alguns empecilhos, e no início da década de 1990, o Estado de São Paulo diminuiu a carga horária da disciplina de 30 horas semanais, para 25 horas semanais, seguindo as orientações do Banco Mundial e da Unesco, onde a instrução era diminuir a carga horária para priorizar o ensino de Língua Portuguesa e matemática, por conta das avaliações nacionais e internacionais.

No âmbito nacional, o país estava passando por diversas mudanças e havia muitas discussões sobre qual rumo o país seguiria, e a educação estava sendo centro de todas essas discussões. “A constituição Federal de 1988 trouxe como avanço, um aumento no percentual mínimo a ser aplicado obrigatório em educação e aos seus respectivos entes federativos[...]’’(Neto, 2019, p.135).

Ainda segundo o autor, a LDB 9.394/1996 trazia em seus artigos uma breve citação da Sociologia e da Filosofia no art. 36 do texto que dizia : ” Os conteúdos, as metodologias, e formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio demonstre [...] III- domínios dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania.”

Segundo Neto (2019) por volta de 1997, o deputado Federal Padre Roque (PT-PR) fez a preposição de um projeto de lei que alterasse o artigo 36 da LDB, visando a obrigatoriedade da disciplina de filosofia e sociologia como obrigatórias. O projeto foi aprovado em 18 de setembro de 2001.

Pouco tempo depois de o projeto ser aprovado, foi vetado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso alegando que isso traria um ônus para os estados, pois necessitaria a criação de novos cargos que contemplasse tal formação, e o país não teria a quantidade de profissionais suficientes para atender a demanda que a implementação dessa lei, traria.

O argumento do Executivo Federal, utilizando as Diretrizes curriculares do ensino médio como base, no parecer número 15, de 1998 era que o ensino de Sociologia poderia ser diluído dentre as disciplinas existentes de forma transversal e interdisciplinar. “Nesse intervalo entre a LDB n. 9.394/1996 e a reforma do ensino médio em 2017, a Sociologia e a filosofia voltaram ao currículo em 2008”(Neto, 2019, p. 140).

Segundo o autor, em 2004, o MEC (Ministério da educação e da cultura), passou a dialogar com sociólogos para discutir a inserção da sociologia na produção de orientações curriculares para o ensino médio. Após intensas discussões, foi elaborado o parecer n.38 de 2006, e aprovado no mesmo ano, que preconizava as disciplinas de filosofia e sociologia como obrigatórias para o ensino médio.

A aprovação desse parecer não conseguiu agradar a todos, e o Conselho Nacional de educação de São Paulo, alegou que esse parecer estava tirando a autonomia das escolas. Por meio do parecer n. 62.2006, o (CNEE) Conselho Nacional de educação do Estado de São Paulo conseguiu anular a vigência do parecer.

Ainda segundo o autor, as entidades defensoras do ensino de sociologia lutaram e enfrentaram muitos debates em defesa da Sociologia, e apelaram para o Congresso Nacional para ampliar as discussões. Após longos dois anos de muitos debates, em 02 de junho de 2008, no mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi aprovado a Lei n. 11.684.2008 que alterou o artigo 36 da LDB para colocarem a Filosofia e Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.

O parecer n. 38/2006, justificando a obrigatoriedade da filosofia e socióloga no currículo da educação básica, defendia a importância de ter bases curriculares especificas para cada disciplina, e sustentava a ideia de alterar a base curricular para contribuir na formação crítica e sólida para os estudantes.

Segundo Neto (2019), a partir do ano 2008 é percebido o período de maior alcance da Sociologia como disciplina obrigatória para a educação básica, período este que durou até o final de 2016 e início de 2017. Esse período que

trouxe muitos ganhos e mudanças positivas a institucionalização da Sociologia como componente curricular.

Após alguns avanços quanto a institucionalização da sociologia, a história da educação do Brasil, em breve tomaria novos rumos. Em 2016, a então presidente Dilma Rosseff (PT) sofre um impeachment, e seu, então, vice Presidente, Michel Temer (PMDB), assumiria o lugar da presidência do Brasil.

De acordo com Neto (2019), no dia 18 de novembro de 2016, o então atual presidente, Michel Temer, instituiu um novo ensino médio com prazo legal de 60 dias via medida provisória (MP) , na qual tinha força de lei, e não precisava de aprovação do poder legislativo, mas que possuía um prazo determinado até ser levada para aprovação ou não aceitação da MP.

Sob o argumento de que o debate acerca do tema já havia sido feito na sociedade, “[...] a tal MP passou a vigorar com força de lei, gerando descontentamento de estudantes [...] (Neto, 2019, p. 144) como também o congelamento de verbas para investimentos os serviços públicos por 20 anos.

Essa MP foi aprovada do dia 30 de novembro de 2016, em comissão no Congresso Nacional. Em fevereiro de 2017, o novo ensino médio foi aprovado e eliminou a organização curricular da Sociologia, “[...] em nome de dar forma as perspectivas transversais, remetendo a publicação de uma BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o debate do currículo, regredindo a Sociologia e filosofia na prática à redação da LDB”(Neto, 2019, p.146).

Segundo o autor, o novo ensino médio, segundo a nova lei, o artigo 35 da LDB, foi alterado. O novo ensino médio seria composto por ciências humanas, ciências da natureza e sociais aplicadas, linguagens e sua tecnologia, e a formação técnica profissional. Em síntese teria componentes curriculares que seriam de extrema importância para discussão em sala de aula, sendo condensados e generalizados para dar espaço a uma formação técnica, onde não visa desenvolvimento total do estudante, apenas prepará-lo para o mercado de trabalho.

Ainda segundo Neto (2019), esses itinerários formativos estariam flexíveis aos interesses pelos sistemas de ensino, ou seja, cada escola teria possibilidade de escolher os conhecimentos que deveriam ser ofertados ou não ofertados para

os estudantes, isso acarretaria um enorme prejuízo para os estudantes, pois essa flexibilização tiraria a obrigatoriedade de ofertar todos os componentes curriculares. Nesse contexto, as únicas disciplinas que permaneceram obrigatórias foram Português e Matemática.

A proposta do novo ensino médio era diminuir a carga horária das disciplinas de 2.400 para 1.800, rejeitando a implementação do currículo de disciplinas importantes, e trazendo-as de forma fragmentada, de fato uma educação pensada para fazer a manutenção do capital.

Esse formato de educação proposto pelo novo ensino médio, também afetou diretamente a modalidade EJA (Educação de jovens e adultos), pois a proposta era ofertar 100% da carga horária de aula, para a modalidade a distância, provocando um esvaziamento do ensino regular noturno.

Diante da nova reformulação do ensino médio, não temos diretamente a exclusão da Sociologia e Filosofia do currículo, já que, segundo o texto da LDB/1996, ela é um componente curricular obrigatório, mas diante desse contexto, como valorizar um componente tão importante, diante da super valorização de outros? Como a Sociologia pode ser pensada? Vivenciada? São importantes questionamentos que podemos usar para reflexão vislumbrando esse contexto de reforma do ensino médio de 2017.

Segundo informações do portal do Gov. (2025), um novo ensino médio foi implementado em junho de 2024, a Lei de número 14.495/2024 reestruturou as etapas do ensino médio. Muitas questões são reformuladas e questionadas. Algumas questões que valem a pena ser mencionadas nessa nova formulação é a quantidade de carga horária, que era de 1.800 horas para Formação Geral Básica, 1.200 para itinerários formativos, passa a valer 2.400 (FGB) e 600 de itinerários formativos.

Essa reformulação do ensino médio ainda não proporciona com qualidade, componentes de extrema importância como filosofia e sociologia, pois nesse novo modelo, somente são ofertadas uma aula por semana. Por mais que a quantidade de aulas de Sociologia ainda seja pequena, trazer a obrigatoriedade dessas disciplinas no currículo pode ser considerado como um ganho importante.

Contudo, ainda conseguimos ver um apagamento da sociologia no currículo da escola. Como apagar do currículo um componente curricular de fundamental importância para construção crítica do sujeito social? Como rejeitar e não evidenciar um componente que pode contribuir diretamente para construção cidadã dos estudantes do ensino médio? encerro esse capitulo com essas reflexões.

3 A EJA e sua função Social

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que caminha por todos os níveis da Educação Básica, destinada às pessoas, que não tiveram acesso à educação ou que por algum motivo, não conseguiram concluir no ensino regular. Essa modalidade oportuniza a possibilidade de retorno aos estudos, e que eles sejam concluídos em um tempo menor, devolvendo novas oportunidades a esses estudantes para que se sintam protagonistas de suas histórias.

A lei Federal n° 9.394, de 20 de novembro de 1996 (LDBEN) regulamenta, normatiza e garante o direito da escolarização em nosso país. Em seu capítulo II, seção V, prevê em dois artigos (Art. 37 e 38) a garantia, obrigatoriedade e gratuidade de uma educação básica de qualidade, e que seja preparada para atender as necessidades e demandas desses jovens e adultos que decidem retornar aos estudos, por meio de cursos e exames supletivos gratuitamente. Essa lei, também determina a idade correta para a realização dos exames supletivos, sendo, 15 anos para o fundamental, e 18 anos para o ensino médio (Veras e Santos, 2010).

O estudante que decide retornar aos estudos, carrega sonhos, objetivos e expectativas. Essa modalidade de estudo oportuniza que esses alunos, ganhem uma segunda chance, um novo recomeço de lutarem por oportunidades melhores. É muito importante que a equipe pedagógica, responsável por essa modalidade, compreenda que essas pessoas que estão retornando, trazem suas vivências, e que devem ser cuidadosamente, observadas, acolhidas e aproveitadas como temas geradores nos conteúdos em sala de aula, para que o ensino seja significativo e faça sentido para esses estudantes.

O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 [4]representa um importante passo na Educação de Jovens e Adultos ao consolidar essa modalidade como um direito

[4] O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 se consolida como um importante marco na história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, ao trazer novas concepções que norteiam essa modalidade.
O documento estabelece a EJA como uma ferramenta de inclusão social, que valoriza os saberes, experiências e as trajetórias dos sujeitos e imputando-lhe as funções reparadora, equalizadora e qualificadora Portanto, este parecer se faz muito importante na consolidação de uma perspectiva emancipadora e cidadã, que norteia práticas pedagógicas políticas publicas

social de pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade correta. Sua importância está em reconhecer os atores dessa modalidade como sujeitos de saberes e experiências que podem nortear essa modalidade.

A EJA cumpre um papel de fundamental importância na retomada desses jovens e adultos à escola, que decidem retornar à sala de aula. Esse movimento de voltar para a escola carrega sonhos, expectativas e perspectivas futuras, pode ser um sonho de aprender ler e escrever, pode ser o sonho de fazer um curso superior e ter novas oportunidades de trabalho...

> "Quero aprender a ler e a escrever – disse um analfabeto do Recife – para deixar de ser a sombra dos outros."[...]"Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo', afirma um analfabeto, para quem, com razão, conhecer é atuar (Freire, 1979, p. 23).

Oportunizar a essas pessoas o direito de estudar, devolve também o direito de ter novas oportunidades, de sonhar e de alcançarem seus objetivos. O direito de ensino se torna atualmente uma condição participativa na sociedade, onde pessoas que não concluíram os estudos enfrentam obstáculos no decorrer da vida, como remuneração salarial, constrangimento por não saberem ler, entre outros, e a EJA representa uma ponte de inclusão social.

Basegio e Borges (2013, p. 19) explicam duas circunstâncias básicas para esse movimento de voltar para a sala de aula:

> 1. A necessidade cada vez maior de os adolescentes das classes populares entrarem no mercado de trabalho, como forma de ajudar no sustento de suas famílias, o que os faz optar pela modalidade EJA;
> 2. A EJA sendo usada como um coringa para solucionar problemas de indisciplina ou de repetência múltipla de educandos do ensino regular.

A modalidade EJA propõe um novo jeito de pensar sobre a educação, e sobre a importância de se implantar e pensar em políticas públicas e educacionais que contemplem as necessidades desses jovens e adultos que procuram a EJA, ofertando propostas de inclusão social e metodologias que estejam voltadas a realidade das escolas, pois, esse público se encontra fora do ambiente escolar há muito tempo e a escolarização possibilita inúmeras possibilidades.

> Minha escola é o mundo, disse um analfabeto de um Estado do sul do país; o que levou o professor Jornadarda de Brito a perguntar num de seus ensaios: 'Que se pode oferecer a um adulto que afirma que sua escola é o mundo?' (Freire,1979, p.22).

O que oferecer para um adulto em que sua escola é o mundo? O que se pode oferecer a ele? São importantes questionamentos que devem fazer parte da equipe pedagógica que atendem esses estudantes na EJA. Esses estudantes que estão iniciando, ou retornando para sala de aula, necessitam de propostas que partam de suas vivências para que de fato exista um sentido e significado em estar na escola. As propostas não podem ser infantilizadas ou fora de contexto em que vivem, sendo assim, não há identificação, sentido, e nem sentimento de pertencimento a esse lugar que tanto pode trazer reflexões e questionamentos transformadores.

Segundo Freire (1979) o ensino para Jovens e Adultos precisa ser vivenciada dentro da realidade desses estudantes e que sejam considerados como construtores de suas aprendizagens. Essa proposta educacional de Paulo Freire, embasa concepções metodológicas, o cuidado e respeito ao educando e evidencia a importância do diálogo constante em sala de aula. E como isso pode contribuir para que seja instigado o desejo de questionar e de se tornar um ser pensante. É importante para que as aulas sejam significativas que sejam pensados em temas geradores retirados do cotidiano dessas pessoas, esse movimento transforma o grupo envolvido, pois os temas gerados fazem parte da sua realidade e de suas existências.

> [...] Só uma paciência muito grande é capaz de suportar, depois das dificuldades de uma jornada de trabalho, as lições que citam a “asa”: “Pedro viu a asa”; “A asa é do pássaro”; ou as que falam de “Eva e as uvas” a homens que, com frequência, sabem pouquíssimo sobre Eva e jamais comeram uvas (Freire, 1979, p.22).

A educação transforma vidas e histórias, uma sociedade que tem acesso à educação é uma sociedade livre, crítica e pensante. A educação tem o poder de transformar uma sociedade fazendo seus indivíduos se tornarem seres pensantes, conscientes da realidade em que vivem, mudando seu olhar sobre o mundo, passando a enxergar tudo com um olhar crítico como forma de alcançar a liberdade e se tornar um ser social ativo.

> Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (Freire, 1979, p.15).

Segundo Veras e Santos (2010), a EJA cumpre uma função social de extrema importância para os jovens e adultos que iniciam, ou retornam para a sala de aula. Segundo as diretrizes curriculares, a EJA, tem três funções sociais: reparadora, equalizadora e qualificadora.

A função reparadora oportuniza aos jovens e adultos, que não frequentaram a escola na idade correta, o direito de terem políticas públicas que lhes dão condição de terminar os estudos e recuperar o tempo que foi perdido. Essas políticas públicas tem o objetivo de diminuir as desigualdades sociais, oportunizando uma melhor qualificação, empregos mais dignos, como também, o poder de se manifestarem socialmente e politicamente, de forma que consigam transformar suas realidades.

> [...] parte do princípio, que por motivos diversos, crianças e jovens que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade certa, mas, agora teriam políticas públicas que lhes darão condições de recuperar, essa falta significativa em suas vidas. Por meio destas políticas, vislumbra-se ter a possibilidade de diminuir as desigualdades sociais entre esses sujeitos, por meio da oportunidade de qualificação[...] e o poder de se manifestar politicamente e socialmente sobre as decisões tomadas[...] (Veras e Santos, 2010, p. 68).

A função equalizadora oferece aos jovens e adultos oportunidades de melhores condições, tanto no mercado de trabalho, como em sua vida social, oportunizando a possibilidade de aperfeiçoarem seus conhecimentos, facilitando o seu acesso a novas formas de trabalhos e culturas por meio das experiências e trocas com outros colegas.

> A função equalizadora oferece ao jovem e adultoa oportunidade de igualdade, não só no mercado de trabalho, bem como na vida social representando assim, uma possibilidade de qualificação, e troca de experiências entre os alunos, que lhes permitam atualizar seus conhecimentos e demonstrar habilidades. (Veras e Santos, 2010, p. 68).

A função qualificadora une as funções reparadora e equalizadora, pois seu papel é garantir um desenvolvimento integral do potencial desses estudantes, melhorando assim, suas oportunidades profissionais e suas tomadas de decisões perante a sociedade.

> A função qualificadora vem com uma meta, que juntamente com a função equalizadora e reparadora, fechar o laço entre elas, pois seu papel é garantir que os estudantes recebam informações e qualificação que os permitam desenvolver seu potencial por completo, melhorando dessa forma, suas oportunidades permanentes, não só no meio

> profissional, mas, também, nas tomadas de decisões perante a sociedade. (Veras e Santos, 2010, p. 68).

A EJA precisa ser articulada como um modelo pedagógico, pensado, preparado e qualificado para atender de forma integral esses jovens e adultos, pois somente assim, será ofertada uma educação de qualidade e transformadora.

Em um país como o Brasil, que apresenta tantas desigualdades, tanto materiais sociais e culturais, ter um programa que oportuniza o direito de voltar à escola, com todas essas condições, é um suporte de grande importância para esses jovens e adultos que buscam uma segunda chance. Ter o direito de estudo garantido, não é o remédio para curar as desigualdades, mas sim, para diminuí-la. As desigualdades, sejam elas materiais, culturais ou sociais, apresentam muitas camadas, e a sua raiz é um pouco mais profunda, e não seria tão fácil, solucioná-la. A Educação de Jovens e Adultos não pode acabar com as desigualdades sociais, mas ela pode devolver oportunidades, sonhos e novas histórias.

Segundo Basegio e Borges (2013), foi a partir do ano de 1940, que programas destinados à educação de jovens e adultos começaram a ser implantados no Brasil, e estavam sendo geridas por cada estado. As primeiras propostas que alcançaram destaque são: o *Fundo nacional de ensino primário (1942), Serviço de Educação de adultos e Campanha de Educação de Adultos,* ambos em (1947), Campanha *de Educação Rural de (1952), e Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em (1952).*

Maria Antônia de Souza (2023) a ponta com precisão a primeira grande campanha de alcance nacional destinada para alfabetizar jovens e , a (CEAA) organizada por Lourenço Filho, criada em 1947 e extinta em 1963. Um dos objetivos desse programa era difundir entre as massas, as ideias de forma coercitiva do novo regime político, a democracia liberal.

> A EJA nem sempre foi entendida como um direito do cidadão. [...] os principais objetivos que orientaram a implementação de programas destinados à alfabetização e à escolarização de jovens e adultos, na maior parte das vezes, estavam em sintonia com os interesses econômicos ditados pelo desenvolvimento industrial ou ligados a interesses políticos, como durante o período da chamada República Velha (1889-1930) - quando o direito de voto era vetado ao cidadão

> analfabeto - e durante o Regime Militar 1964-1985(Basegio e Borges, 2013, p. 25.)

Podemos identificar, diante das evidências que durante muito tempo, os programas voltados para alfabetizar jovens e adultos, não tinham a função de resgatar pessoas marginalizadas socialmente e diminuir os índices de analfabetismos, mas sim, utilizar desses programas para propagar e ideais políticos.

Souza (2023) ainda destaca que o programa (CEAA) tinha um cunho totalmente ruralista, contudo ele não estava pautado em atender diretamente as necessidades e realidade dessas pessoas, “O material didático era o mesmo para todo o país, inclusive para o meio rural e urbano” (Souza, 2023, p.43) e, entre das principais funções que norteava esse programa, uma delas era adentrar ao campo e integrar os imigrantes do sul do Brasil com o objetivo de preparar mão de obra alfabetizada para trabalhar nas cidades.

A ideia que era difundida sobre os jovens e adultos analfabetos, era que, por não serem alfabetizados, seriam menos capazes do que as pessoas alfabetizadas, por tanto a ideia era alfabetizar essas pessoas com o objetivo de inseri-las ao cotidiano cívico, para que houvesse uma unificação cultural.

> [..] era difundida a ideia de que o adulto analfabeto era incapaz ou menos capaz do que um adulto alfabetizado, portanto, o objetivo era integrar o homem marginal aos problemas da vida cívica e buscar a unificação da cultura brasileira (Souza, 2023, p.43).

A autora ainda destaca alguns aspectos organizacionais do programa (CEAA), esse programa passava por duas fases, uma fase **extensiva** e uma fase de **ação em profundidade**. A fase extensiva era voltada ao ensino da leitura e escrita, com o tempo de duração 3(três) meses, e a redução do ensino primário dividido em dois períodos com a duração de 7(sete) meses. A ação em profundidade oferecia capacitação profissional às comunidades.

A criação desses programas, voltados para educação de jovens e adultos, foram de fundamental importância para a reintegração dessas pessoas na volta aos estudos. Esses programas revelavam também, que já havia uma preocupação com essas pessoas que não concluíram os estudos na idade certa, e que já havia a percepção da necessidade de se pensar em programas que as atendessem, e que de fato, promovesse um avanço na educação do país.

Segundo Basegio e Borges (2013), embora existissem esses programas e houvesse a necessidade e percepção de reintegração desses jovens e adultos aos estudos, a educação oferecida era básica, não tinha o papel emancipador, e o compromisso de atender as necessidades e realidades desses alunos não era uma prioridade. A educação ofertada, não tinha o compromisso de fazer esse aluno pensar criticamente sobre o mundo em que ele vive. A prioridade desses programas era diminuir os índices de analfabetismos, oportunizando a essas pessoas de aprenderem a ler e escrever, não considerando suas realidades como um fator importante para essa formação.

> Entretanto, a ênfase das iniciativas [...] e manteve sempre no campo das políticas compensatórias e, portanto, priorizaram o chamado ensino supletivo ou de suplência. Em outros termos, o objetivo central dessas ações era o de fornecer uma instrumentalização básica para os jovens e adultos analfabetos ou em situação de defasagem escolar. Logo, essas ações nunca buscaram realizar com os educandos uma análise crítica da sociedade e da realidade vivida por eles, os quais, em sua maioria absoluta, eram, e ainda são, oriundos das classes populares do país (Basegio e Borges, 2013, p.16).

Ainda segundo os autores, durante o período do regime militar, em 1969, houve a criação de um projeto de alfabetização, o MOBRAL[5] .Esse programa era voltado para a educação de jovens e adultos, implementada pelos governos militares . Buscava estender a alfabetização a todos os adultos, e tendo como plano de fundo, divulgar e propagar a legitimação da ordem e da ideologia imposta pelos militares.

Um programa criado para alfabetizar o adulto, que não tenha o objetivo de considerar suas realidades e vivências para dentro da sala de aula, já está fadado ao fracasso. O MOBRAL por mais que tivesse a função de alfabetizar essas pessoas, em seu plano de fundo exercia um papel doutrinador de preparar pessoas para obedecer e não contestar o que o regime imposto pregava, pois eles sabiam, que se essa educação que era oferecida tivesse o cunho libertador, o regime que estava sendo imposto, certamente estaria ameaçado.

Pelas condições e proposta que apresentava, o MOBRAL foi extinto no ano de 1985, por ser um programa ineficaz na formação desses adultos, pois cumpria apenas a função de alfabetizar, sem pensar na formação integral desse

[5]MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização (1967-1985)

estudante, e agir de forma doutrinadora para favorecer o regime militar. Após o regime militar ser derrubado, e no país acontecer uma redemocratização, todas essas movimentações inviabilizavam a existência e continuidade de um programa com as características que ele apresentava (Basegio e Borges, 2010).

No ano de 1961, alguns programas de Alfabetização apresentavam diretrizes curriculares diferentes daqueles mencionados anteriormente, como o Movimento de educação de base (MEB), o Movimento de cultura popular de Recife, e os Centros Populares de cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE). Esses programas, porém, duraram pouco tempo devido ao regime político que se instalou em nosso país, onde não havia abertura, para propostas de alfabetização que pensassem na formação integral desse aluno. Essas iniciativas tinham um caráter progressista, e sua educação era pensada em transformar esse estudante em um cidadão crítico (Basegio e Borges, 2010).

Essas iniciativas de programas de alfabetização tinham como orientação as ideias de Paulo Freire, que sempre defendeu a educação como um instrumento de conscientização para a realidade e emancipação das classes populares. Para ele, a educação é a ferramenta mais poderosa que os

dominados podem ter contra a classe dominante. A educação que liberta que conscientiza que transforma e que abre os olhos para a realidade. Para Paulo Freire a educação precisa ser libertadora, de uma forma que crie indivíduos críticos sobre a realidade em que vivem, capazes de questionar, pensar, analisar e transformar a sua realidade.

> Buscava-se, desse modo, não apenas instrumentalizar o indivíduo com os saberes formais, ao contrário, a educação era pensada e planejada como um instrumento para conscientização e emancipação das classes populares (Basegio e Borges, p.17, 2010).

Carlos Rodrigues Brandão (1981) em sua obra “O método Paulo Freire”, nos conta que Paulo Freire trabalhava por meio de “Círculos de cultura”, onde unia grupos de pessoas com o objetivo de alfabetizá-las, utilizando e considerando sua realidade como ponto de partida. Em um primeiro momento, fazia uma pesquisa simples para compreender o contexto social em que aquelas pessoas estavam inseridas, partindo disso, conseguia criar o que ele chamava

de “Universo vocabular”, que nada mais é, do que o levantamento de palavras, que são significativas e geradoras da realidade daquele grupo. As palavras geradoras não tinham apenas o objetivo de serem decodificadas pelos estudantes, mas também, por meio delas, criar debates profundos, sobre onde e como estão inseridos socialmente.

> A partir do levantamento de palavras a pesquisa descobre as pistas de um mundo imediato, configurado, pelo repertório dos símbolos através dos quais, educandos passam para as etapas seguintes do aprendizado coletivo e solidário de uma dupla de leitura, a da realidade social que se vive, e da palavra escrita que a retraduz (Brandão, 1981, p.27).

Vemos aqui, uma educação pautada no diálogo com um propósito para além do aprender a ler e escrever, mas sim, com o compromisso de tornar o indivíduo um ser pensante, que questiona sobre sua realidade.

Paulo Freire não propôs apenas um método novo, diferente dos outros, ele também investiu em uma educação potente, pulsante, viva e conscientizadora. A maioria dos métodos de alfabetização vem pronto com cartazes e cartilhas á moldadas e pensadas para o estudante, mas Paulo Freire acreditava que a educação não deveria ser construída para o estudante, e sim juntamente com ele, pois somente dessa forma ela seria significativa e libertadora. “Quanto mais o alfabetizador acredita que aprender é enfiar o saber-de-quem-sabe no suposto vazio-de-quem-não-sabe, tanto mais é feito de longe e chega pronto, previsto” (Brandão, 1981, p.17).

Para ele a educação é construída através do diálogo, onde educador e educando são importantes nesse processo, pois nenhum individuo detém todo o saber. A todo tempo podemos ensinar e aprender com o outro, pois “ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho” (Brandão, 1981, p.21). Somos construídos e educados através das vivências e dos diálogos, educar é uma tarefa de trocas mútuas, onde ensina-quem-aprende.

Como consequência ao clima político e cultural da época (Regime Militar) que o mundo estava vivendo, várias iniciativas baseadas em Paulo Freire e em outros educadores da sua vertente acabaram servindo como suporte para vários movimentos populares que foram surgindo. Esses educadores defendiam a educação como uma ferramenta crítica e emancipadora, que pode transformar

o indivíduo e a sociedade em que vive. Nesse sentido, nasce uma vertente crítica à educação que era oferecida na época, se opondo à forma de como essa educação era ofertada, e propondo um novo jeito de pensar a educação, considerando a vivência dos estudantes, tendo como ponto de partida sua realidade, e acreditando que a educação é um movimento de transformação social (Basegio e Borges, 2013).

Os pensadores da vertente crítica[6], pautados pelas ideias de Paulo Freire da educação da época, defendiam a ideia de que essas pessoas, que se evadiram da escola, teriam o direito de ter uma educação digna e significativa para sua idade, e não com o cunho infantilizado, como se eles estivessem estagnados no tempo que perdera, e teriam que retomar de onde pararam. Eles criticavam a ideia difundida, na época, de que essas pessoas teriam deixado de receber saberes e conhecimentos pelo fato de não terem frequentado a escola.

Essa vertente crítica tinha o objetivo de criar uma educação libertadora, que partisse da realidade e do cotidiano desses estudantes com o intuito de oportunizar meios para que essas pessoas pudessem ser críticas e contestadoras de sua realidade.

> Apesar da grande contribuição dada por esses pensadores críticos ao desenvolvimento da pedagogia como uma ciência humanística - voltada para o conhecimento do homem e da sociedade e como um campo de saber legítimo e estruturado -, foi apenas mais tarde, a partir da década de 1990, que suas ideias passaram a servir de base teórica e metodológica não apenas para a EJA, mas também para uma educação popular em um sentido mais amplo, atingindo, por isso, todas as modalidades de educação básica(Basegio e Borges, p.19, 2010).

Após o programa (MOBRAL) ser extinto, surge a Fundação Educar, que abriu mão das orientações pedagógicas da EJA, e deixou a cargo dos Estados e Municípios. Com isso, educadores que faziam frente do movimento PARADIGMA CRÍTICO[7] , e movimentos populares que faziam críticas ao modelo

---

[6]**Vertente crítica**: "A perspectiva crítica que esses intelectuais procuravam promover advogava a necessidade de ser a educação um instrumento para a transformação do indivíduo e da sociedade. Trazia consigo, portanto, a ideia do diálogo com os saberes do povo e da valorização desses saberes." (Basegio e Borges, 2013, p.18).

[7]**PARADIGMA CRÍTICO**: É um movimento que teve como base a vertente crítica da educação, que defendia um novo jeito de pensar a educação, indo de encontro as ideias do PARADIGMA COMPENSATÓRIO, que era o modelo que predominava na educação de jovens e adultos, que entendia que a educação para jovens e adultos, devia ser oferecida como forma de compensar o tempo perdido, sem considerar suas vivências e realidade (Basegio e Borges, 2013).

de educação vigente, formularam iniciativas para priorizar os modelos de educação não formal.

Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro, (2001, p.19, apud Basegio e Borges, 2010, p.19).[...]Educadores ligados à vertente popular e à crítica da educação tiveram a oportunidade de colocar em prática algumas das iniciativas que haviam formulado dentro das linhas do PARADIGMA CRÍTICO, privilegiando programas de educação não formal.

Conseguimos ver até, aqui, um avanço na educação de Jovens e Adultos. Avanços estes, que foram conquistados por luta e por posicionamentos frente ao modelo de educação que estava sendo oferecido. Isso mostra mais uma vez, que Paulo Freire estava correto em afirmar que a educação que liberta é transformadora, conscientizadora e libertária. Tais conquistas tiveram a influência de Paulo Freire e de outros pensadores que lutaram por uma educação integral desses Jovens e adultos, que decidiram iniciar, ou retornar aos estudos.

Em 1996, mais um avanço na educação de Jovens e Adultos, visto que a nova (LDB) Lei de Diretrizes e Bases, anunciou a obrigatoriedade desta modalidade, porém, não elaborada de forma clara, de como ocorreria sua execução. Decorrente a isso, houve diversas iniciativas que foram desenvolvidas pelos estados e Municípios. Por conta disso, vários programas não tiveram continuidade, pois ficavam à mercê das mudanças políticas. (Basegio e Borges 2010).

A EJA se tornou um direito garantido para todo cidadão a partir da promulgação da atual constituição Federal em 1998. Esta foi uma importante conquista para essas pessoas que não terminaram os estudos, ter o seu retorno ou início garantidos pela constituição. Essas importantes conquistas são necessárias para se conseguir uma sociedade mais igualitária, e com maiores oportunidades para estas pessoas que não conseguiram, terminar os estudos na idade correta.

Ainda, segundo Basegio e Borges(2013), a EJA por muito tempo, não foi vista como uma modalidade importante, nem como um direito do cidadão, seus objetivos estavam sempre direcionados em alfabetizar jovens e adultos, segundo os interesses econômicos e políticos da época.

> Nem sempre foi entendida como um direito do cidadão. Como debatemos anteriormente, os principais objetivos que orientaram a implementação de programas destinados à alfabetização e à escolarização de jovens e adultos, na maior parte das vezes, estavam em sintonia com os interesses econômicos ditados pelo desenvolvimento industrial ou ligados a interesses políticos, como durante o período da chamada República Velha (1889-1930) - quando o direito de voto era vetado ao cidadão analfabeto - e durante o Regime Militar (1964-1985)(Basegio e Borges, 2013).

Os autores apontam, ainda, que as mudanças na EJA só puderam ser vistas, ou seja, ganharam um caráter diferenciado a partir do século XX, após a redemocratização do ensino, pois para que esse movimento ocorresse, foi necessária uma mudança da base, partindo do social, uma mudança na estrutura geral da sociedade brasileira. Não é possível que se tenha uma educação libertadora, crítica, significativa com um sistema de governo que oprime as pessoas, que impõe de forma arbitrária o que devem fazer e que age de forma violenta com as pessoas. Dessa forma, após a queda do regime militar, houve redemocratização do ensino com o objetivo de diminuir as barreiras e desigualdades sociais existentes na educação. A democratização do ensino ocorrida em 1980, impulsionou mudanças que possibilitou um paradigma educacional voltado para análise social e crítica e reflexiva (Basegio e Borges 2013).

O professor que atua na EJA precisa compreender que seu papel é de fundamental importância para cada estudante que ali está inserido. Ele precisa compreender que seu papel não é meramente transmitir conhecimento de uma forma mecânica, pois quando ele acredita nisso, ele próprio não se dá conta que é explorado, e está sendo usado com reprodutor passivo de dominação. Sendo assim, nem o estudante, nem o educador será capaz de transformar a realidade em que vive. O que esse estudante precisa é de uma educação que seja significativa, potente, crítica e transformadora, e que seja capaz de transformar o estudante e sua realidade.

> Quando um educador da EJA acredita que seu trabalho é o de transmitir conteúdos aos alunos, ele próprio não está se dando conta de que também está sendo envolvido por um sistema de dominação que o explora e se utiliza dele como um reprodutor passivo. Assim, nem educador nem educando serão capazes de alterar as condições sociais, tais como elas se encontram atualmente, e a educação tornar-se-á vazia, mecânica e sem significado (Basegio e Borges, 2013, p. 119).

Diante de tal discussão, fica evidente que a EJA é uma importante e necessária modalidade que devolve e oportuniza o direito de estudar de muitas pessoas que não conseguiram concluir em idade regular por diversos fatores. É necessário também que se supere essa ideia de que a EJA é apenas uma modalidade que recupera o tempo perdido de quem não pôde frequentar a escola. O ensino da EJA se baseia na discussão, vivência e realidade dos estudantes, com o intuito de trazer o máximo possível suas vivências e potencialidades para sala de aula, partindo do que aluno já conhece e criando novas possibilidades para que o aprendizado se torne mais significativo.

4 Observação de campo: percepções iniciais

Logo após definir meu objeto de pesquisa e minhas questões metodológicas de forma clara, fui pesquisar as escolas que estavam ofertando a modalidade EJA em Sinop. Durante essas pesquisas iniciais, consegui identificar que três escolas estaduais estavam ofertando a EJA. Duas, das três escolas pesquisadas, eram bem distantes da minha casa, cerca de 10 km de distância mais ou menos, e a terceira opção, era a escola Estadual Professora Edeli Mantovani, uma instituição de ensino pela a qual eu já tinha familiaridade, uma vez que cursei integralmente o ensino médio em suas dependências, e se localizava muito próxima de onde eu moro. Todos esses fatores me fizeram ter essa escola como primeira opção de escolha, por isso fui fazer uma visita, e verificar se ela atendia o ensino médio, pois minha pesquisa é direcionada ao ensino médio.

Ao adentrar as dependências da escola, o sentimento que tomou conta do meu coração foi de nostalgia, foi olhar para os espaços e imaginar os momentos que vivi ali dentro como estudante. Cada espaço contava uma história, uma memória e um sentimento vivo. Eu ainda não sabia se ali seria meu campo de pesquisa, mas o sentimento que movia dentro de mim, era de familiaridade e pertencimento em relação aquele lugar.

Após isso, fui recebida pela coordenação da escola, e eles informaram sobre todos os procedimentos e documentações que eu precisaria apresentar para a DRE (Diretória Regional de Educação) de Sinop para análise, e possível aprovação da pesquisa para que eu pudesse adentrar e realizar a pesquisa.

Naquele momento de informações iniciais, constatei em conversa com o coordenador que a Escola Edeli Mantovani atendia o ensino médio, e que naquele momento (março 2025) estaria funcionando o 1° e 3° segmentos do ensino médio. Fazer a minha pesquisa comparando a fase inicial e final do ensino médio seria um bom recorte para o que estava me propondo a pesquisar, portanto diante de todos os pontos analisados, optei por escolher a Escola Edeli

Mantovani como meu campo de pesquisa, e a partir disso, preenchi todas as documentações necessárias, enviei, e fiquei aguardando a autorização.

Após o envio das documentações necessárias, o momento de espera da autorização da pesquisa foi bem demorado. Do envio das documentações, até o resultado do parecer final, demorou cerca de 3(três) meses.

Ao receber o documento de autorização cedido pela SEDUC-MT (Secretaria de Estado e Educação do Mato Grosso) para adentrar ao meu campo de pesquisa, meu primeiro movimento enquanto pesquisadora foi visitar a escola, apresentar o documento de autorização, receber informações, tirar dúvidas sobre a organização da EJA, e em quais dias eram ministradas as aulas de Sociologia, pois esse componente curricular tão importante seria meu objeto de pesquisa.

Nesse primeiro momento, expliquei a proposta do meu projeto de pesquisa para a coordenação da escola, sobre o que ele discutiria, e também, sobre a proposta de um material pedagógico, com o intuito de contribuir com as discussões e as temáticas propostas para as aulas de Sociologia da EJA. A Sociologia é ofertada uma vez na semana, cerca de 50 minutos, toda Quinta-feira na última aula.

Toda a burocratização e demora na liberação da pesquisa contribuiu com a modificação do campo de pesquisa inicial. A turma do 1° segmento progrediu para o 2° segmento, e a do 3° segmento concluiu a etapa do ensino médio . De duas turmas de ensino médio (1° e 3° segmento), agora eu só tinha uma única turma para realizar minha pesquisa. Ao me deparar com essas modificações, o sentimento foi de desespero diante do que eu estava encontrando, meu campo de pesquisa estava sendo desenhado de maneira totalmente diferente do que havia encontrado no momento inicial.

Diante de todas as modificações, e do sentimento de frustração devido às mudanças, optei por fazer a minha pesquisa com aquela turma do 2° segmento do ensino médio e estar aberta e atenta para as minúcias e particularidades que aquela turma iria me apresentar.

Ao adentrar à sala de aula, a primeira percepção foi de estranhamento e mais angústia, a sala estava praticamente vazia, apenas oito estudantes se faziam presentes, e na minha cabeça ecoava vários questionamentos: “cadê os estudantes?’’, “Como darei continuidade a essa pesquisa, com a sala praticamente vazia?”.

Outro ponto que me deixou angustiada, foi a faixa etária que aquele grupo apresentava. Enquanto pesquisadora, tracei um critério para selecionar meus estudantes, e optei por pesquisar estudantes adultos que estavam há muito tempo fora da sala de aula, mas para minha surpresa, além de poucos estudantes, a maioria eram jovens, que pareciam aparentemente não estarem há muito tempo fora da sala de aula.

Novamente meu campo de pesquisa se desenhava de forma diferente daquilo que eu imaginei encontrar, e, mais uma vez, precisei ampliar o meu olhar diante daquele cenário para não perder nenhuma minúcia, nenhuma particularidade que pudesse me ajudar a compreender aquilo que eu estava buscando.

Inicialmente, minha proposta de observação se daria em observar apenas as aulas de Sociologia, durante 5 semanas, mas esse plano inicial precisou ser modificado, pois eu senti que aquela dinâmica me impediria de criar um vínculo de confiança com os estudantes. Como eu iria me aproximar daqueles estudantes, tendo contato com eles, apenas 1 vez na semana e na última aula? Como eu iria me aproximar deles, com um momento tão curto de convivência? Em quais momentos poderíamos ter alguma troca ou interação, visto que a aula de Sociologia se dava na última aula, um momento que a escola já estava um tanto vazia e a quantidade de estudantes já se fazia menor? Essas inquietações me fizeram mudara proposta inicial de observação.

Eu me preocupei em criar essa familiaridade, pois senti os estudantes receosos com minha presença. Acredito que o contato inicial, foi de completo estranhamento, pois alguém diferente estava inserido no espaço deles. Diante disso, optei por ir toda quinta-feira e assistir todas as aulas ofertadas. Tive oportunidade de conhecer os professores de outras disciplinas, suas dinâmicas

e troca com os estudantes, e até mesmo comparar a quantidade de estudantes no início da aula, e na última, a de Sociologia.

Estudantes novos, visto que muitos tinham uma frequência irregular muito grande, mas um ponto que me chamou atenção, foram 5(cinco) estudantes que eu encontrava em todos os momentos de observação. Eles sempre se faziam presentes, e permaneciam até o final da aula, e por encontrá-los toda semana, consegui criar uma afinidade maior com eles. Constatei que havia uma pequena diferença em relação a quantidade de estudantes, do início da aula para o final. A cada semana, eu conhecia.

Diante do que pude observar, meu olhar se fez atento para outra direção, diferente daquela que tracei inicialmente. Ao me deparar com aquele novo cenário, precisei definir novos critérios para selecionar meus sujeitos da pesquisa.

Eu não queria ser uma observadora que estava ali olhando de longe e depois de algumas semanas pediria uma entrevista. Queria ter um contato mais próximo, ter algum vínculo, uma afinidade que me aproximasse mais daquelas pessoas, e que o momento da entrevista fosse um bate-papo, uma conversa leve, onde eles estivessem abertos e confortáveis para dialogar.

Posso dizer que não selecionei por conta própria meus sujeitos da pesquisa. Após me inserir em seus espaços e buscar contato, eles se aproximaram de mim, e se mostraram abertos em dialogar sobre suas vidas, sobre suas rotinas e sobre uma grande curiosidade em saber o que eu faria com essa pesquisa e para que ela seria usada. Diante dessa aproximação, selecionei 5 estudantes para dialogar e para participar da pesquisa.

4.1 Pesquisadora em campo: perspectivas sobre as vivências em sala de aula

Quando fiz meu estágio na Educação de Jovens e Adultos no período da graduação, encontrei salas com uma quantidade relativamente considerável de estudantes, isso era animador e reconfortante para mim. Enquanto uma professora em formação, com sede de conhecer e aprender sobre aquela

modalidade: essa era a lembrança e o sentimento que guardava no meu coração, quando lembrava da EJA. Então, encontrar salas tão vazias, trouxe um sentimento de frustação, como se o meu campo de pesquisa estivesse escapando pelas minhas mãos.

Mas mesmo diante das novidades e modificações, mantive firme, e continuei a minha pesquisa com aquilo que eu tinha, pois desenhar o cenário exatamente como estava, mesmo sendo totalmente diferente do que imaginei, também seria um recorte potente e significativo.

Apesar da quantidade de estudantes, as aulas ocorriam normalmente, os professores entravam e ministraram o conteúdo proposto. Tive a felicidade de encontrar professores afetuosos e compreensíveis com a rotina daqueles estudantes que se faziam presentes.

O período de observação ocorreu durante 7(sete) semanas, toda quinta-feira. Mesmo a aula de Sociologia ocorrendo somente na última aula, eu observava as 4(quatro) aulas ministradas daquele dia. A aula se iniciava ás18h45 min, porém, nem todos os estudantes conseguiam chegar nesse horário, alguns chegavam depois das 19:00 horas[8].

O clima na sala era de bastante união e amizade, eles brincavam um com o outro, sempre que existia uma oportunidade. Pude observar que do início da aula, até a última aula (Sociologia) a composição da sala se modificava e, em vários momentos vi a sala se esvaziando pouco a pouco, visto que no início da aula se faziam presente cerca de 9 (nove) estudantes, já no final, somente 4 (quatro) ou 5(cinco).

Quando chegava no último horário, os estudantes já se mostravam bem cansados, a pouco motivação que existia no início da aula, já se mostrava inexistente no final dela. A professora de Sociologia se mostrava muito compreensiva com todos, tinha uma postura menos rígida em relação aos outros

[8]Em conversas, informais durante o momento do lanche, me informaram que era por conta do trabalho.

professores, e nos momentos de ministrar a aula, propunha diálogos e atividades que exigiam menos deles, pois já se mostravam muito cansados.

Pude observar, e em conversa com alguns professores e estudantes, que não existia nenhum material didático de nenhuma disciplina para os estudantes, apenas existia material auxiliar para direcionar a prática dos professores. Segundo os professores, o material do estudante não era usado por dois motivos, primeiro porque não havia material suficiente para todos, e o segundo é porque o material era vago, mal organizado e não conversava com a realidade dos estudantes.

O momento das aulas de Sociologia se passava muito rápido e pude observar que a professora tinha pouco tempo para desenvolver o que de fato estava planejado, pois como era o último horário, e já se mostravam cansados e com pressa para irem embora.

Os estudantes mostravam pouco interesse em participar das discussões, mesmo a professora trazendo assuntos interessantes, não os atraía. Era como se eles não conseguissem se conectar com aquela aprendizagem, como se não entendessem a importância da Sociologia em suas vidas. Todos os assuntos trazidos pela professora, quando discutidos com os estudantes, não conseguiam avançar. Eles demonstraram não compreender a importância de se pensar e discutir sobre aqueles temas que estavam sendo propostos. A professora se dedicava para avançar nas discussões e trazer questionamentos que fizessem pensar, mas o tempo da aula era curto, e não se conseguia muito.

Durante o período de observação, pude compreender que os estudantes falavam e vivenciavam questões sociológicas, pois elas estão presentes de forma implícita e explícita na vida de todo ser social. Porém, eles não conseguiam identificá-las em suas vivências quando a professora questionava, ou fazia preposição de algum diálogo. O que pude perceber, em meus momentos de escuta, é que eles demonstravam uma relação muito distante com o Ensino de Sociologia, e por ser algo aparentemente distante, demonstravam não compreender a importância de se discutir sobre esse assunto, e para a construção deles enquanto seres pensantes. Outro ponto que pude observar, é que pelo horário em que a disciplina era ofertada (no último horário de uma

quinta-feira) pela pressa de ir embora, pelo cansaço que já era evidente, não permitia muito ânimo e atenção para as discussões.

Partindo desses fatos observados, minha proposta inicial de material didático precisou ser reformulada, e optei por organizar um material didático introdutório ao ensino de Sociologia, trazendo uma introdução breve, leve e dinâmica, com propostas de atividades e temas de problematização, que auxiliassem os professores de Sociologia e estudantes nas discussões propostas em sala. Achei pertinente construir um material introdutório trazendo discussões que os convidassem a pensar em questões cotidianas, visto que eles demonstraram essa distância em relação a Sociologia. O intuito foi propor um recurso educacional que pudesse apoiar os educadores que ministram Sociologia e aos estudantes a partir de um material que valorize o componente curricular.

4.2 Conversando com os estudantes: quem são eles?

Em relação aos estudantes, com o intuito de preservar sua identidade, os denominei de plantas do jardim da EJA. Não haveria melhor forma de denominá-los, visto que todos têm uma ânsia muito grande por se desenvolver e crescer. Visualizando meu campo de pesquisa, enxergo os estudantes como plantas fortes e resistentes, que possuem uma alta capacidade de resistir à situações adversas, como falta de água, solos pobres de nutrientes, e variações climáticas. Cada planta desse jardim está em diferentes estágios de crescimento, pois cada estudante carrega sua história e suas lutas que estão enraizadas em diferentes solos. Alguns em solos mais férteis, outros em solos marcados pela escassez e dificuldades que os prejudicam de crescer fortes e saudáveis, mas mesmo assim, todos seguem perseverando em crescer.

São 5 plantas fortes e resistentes que fizeram parte desta pesquisa.

1° Cacto:

Cacto é minha primeira entrevistada, uma jovem de 18 anos, branca e alta, que traz em seu rosto e em suas mãos, as marcas de um dia duro de trabalho.

Mora com seu pai, e trabalha com ele durante o dia com jardinagem. Mostra-se sempre muito tímida e reservada, não dando muito espaço para aproximação. Em meus momentos de aproximação, tive a oportunidade de ouvi-la compartilhar sobre suas vivências de forma bem tímida e monossilábica, e aos poucos, fui montando como um quebra-cabeça para conseguir compreender o todo. Ela me confidenciou que desde mais nova, sempre teve uma habilidade muito grande por atividades manuais, e desde então, por incentivo de seu pai, começou a produzir esculturas de papel e a trabalhar com pinturas em tela. Ela utiliza carro para se locomover até a escola.

Ela relata que sua relação com a escola não foi muito boa, pois não conseguia se relacionar e se conectar com as aprendizagens construídas naquele ambiente, fazendo com que se reprovasse duas vezes, levando a desistência e falta de vontade em continuar.

2° Mandacaru

Mandacaru foi meu segundo entrevistado, um jovem de 19 anos, negro, de baixa estatura, muito simpático e sempre disposto a dialogar. Desde o primeiro momento, se mostrou muito curioso para entender o que eu estava fazendo na escola, e qual era a função da minha pesquisa. De forma espontânea, por meio de conversas informais de aproximação, relatou sobre como funcionava as aulas, os dias de maior e menor frequência dos estudantes, dentre outras informações que foram narradas em momentos de conversa.

Mandacaru utiliza a bicicleta como seu principal meio de transporte, e trabalha como encanador, atendendo as residências das pessoas que solicitarem seu serviço.

A sua relação com a escola não foi marcada pela desistência, mas sim pela reprovação , fazendo com que não conseguisse concluir com a idade certa no ensino regular, e sendo remanejado para a EJA.

3° Aroeira

Aroeira é minha terceira entrevistada, uma estudante de 49 anos, de pele branca, baixa estatura e cabelos loiros. Carrega em seu rosto as marcas do tempo, e em seus olhos a esperança de conquistar seus sonhos. Em meus

momentos de aproximação, pude observar uma estudante simpática e disponível para dialogar, mas com um leve ar de desconfiança, como se de alguma forma, eu precisasse conquistar sua confiança para ganhar o direito de escuta. Aroeira trabalha em um salão de beleza como cabeleireira, e para complementar sua renda faz salgado e bolo de pote para vender.

Sua relação com a escola foi interrompida de forma brusca e violenta. Ao se casar muito jovem, seu marido não concordava com a continuidade de seus estudos, então depois de algum tempo a fez desistir.

4° Juazeiro

O Juazeiro é meu quarto entrevistado, um jovem de 22 anos, negro e alto. Carrega um sorriso tímido e genuíno no rosto. Em meus momentos de aproximação, pude observar um rapaz muito brincalhão, apesar da timidez. Sempre que tinha oportunidade relatava sobre seus sonhos, e seu desejo de cursar uma faculdade. Juazeiro trabalha como repositor de mercadorias em um super mercado da cidade e divide as despesas de casa com seus pais.

A sua relação com a escola não foi marcada pela desistência, mas sim, pela reprovação, fazendo com que não conseguisse concluir na idade correta que o ensino regular exige, e precisou ser remanejado para EJA.

5° Umbuzeiro

O Umbuzeiro é meu quinto entrevistado, um jovem de 25 anos, branco e alto, demonstrando postura mais séria e reservada, porém muito educado e disposto a dialogar.

Umbuzeiro trabalha em um lava-jato, e relatou que na função que exerce, há uma flexibilidade de horário muito frequente, fazendo com que não tenha um horário fixo para sair, isso faz com que, em alguns momentos, não consiga chegar no horário das aulas e, em outros momentos não consiga comparecer.

A sua relação com a escola não foi muito boa, pois não conseguia se relacionar e se conectar com as aprendizagens construídas naquele ambiente, gerando muita indisciplina, comportamento desafiador no ambiente escolar e falta de vontade de estudar.

4.3 Momentos de escuta: o que eles dizem?

O objetivo principal dessa pesquisa é compreender e descrever como se dá a relação do ensino de Sociologia na formação desses estudantes, ou seja, como essa relação acontece diretamente e como ela impacta na formação deles. Mas acredito enquanto pesquisadora, que para compreender como essa relação acontece, é preciso perceber e captar esse estudante como um todo, e não de forma fragmentada. É necessário entender o percurso desse estudante, quem ele é, porque ele está naquela sala de aula, onde ele pretende chegar, quais são seus sonhos e perspectiva futuras.

Diante disso, as questões das entrevistas foram formuladas e organizadas como guia para um dialogo, onde eu conseguisse ouvir cada estudante de forma aberta, atenta e sensível.

Dialogando com os estudantes, eles relataram sobre as dificuldades que encontram em conciliar o mundo do trabalho com o retorno aos estudos, e como isso impacta diretamente na motivação em sala de aula. O cansaço e a falta de tempo para estudar foram motivos revelados com maior frequência:

Dificuldades em permanecer.

"- *Ah, eu durmo na mesa, eu capoto, e não é só eu não! Trabalhar o dia todo é muito cansativo. Minhas maiores dificuldades são o sono e o cansaço" (*Cacto, 19 anos). No momento da entrevista o cansaço era nítido, a cada pergunta respondida seus olhos insistiam em ficar abertos.

Para o estudante (Mandacaru, 19 anos) "*O que eu acho mais cansativo é andar de bicicleta o dia todo no sol quente. Eu moro perto da escola, mas é um cansaço muito grande andar de bicicleta o dia todo... Tem dias que eu sinto febre de tanto sol que eu tomo..."*

Paulo Freire (1997) utiliza uma categoria teórica que chama de "cansaço existencial", ele explica que esse cansaço fatigante não se limita apenas ao cansaço físico, ele atinge o sujeito em sua totalidade, e surge quando o cotidiano das pessoas são atravessados por dificuldades contínuas, com o trabalho exaustivo, com as desigualdades que surgem ao longo do caminho, como o

fracasso escolar, dentre outras dificuldades que comprometem o ânimo e a esperança, o que acarretam em uma exaustão no ser humano.

A estudante Aroeira relata que a falta de tempo em estudar prejudica muito os estudos e nas atividades propostas pelos professores, mas que diante da rotina muito atarefada no dia a dia, não há o que fazer*. "... E eles cobram, mas fazer o que...? Tem dias que eu tô só o pó, muito cansada...*"(Aroeira, 49 anos)

O estudante Umbuzeiro relata que as mudanças de horários que aconteceram na EJA, em relação ao início da aula, tem prejudicado a chegar no horário. *"Minhas dificuldades são os horários, como houve uma mudança para 18:45, fica muito em cima da hora para vir, por conta do trabalho, é muito puxado, cansativo".*

Diante da fala dos estudantes pode-se compreender como o cansaço atrelado as múltiplas funções do dia a dia, ligadas diretamente ao mundo do trabalho interfere na disposição e na motivação desses estudantes em conseguirem permanecer na escola. Segundo Paulo Freire (1997), a globalização influencia diretamente em mudanças sociais e econômicas, acarretando em situações precárias de trabalho. Para Pinto (1982, p. 33),

> O adulto é, por conseguinte, um trabalhador trabalhado. Por um lado, só subsiste se efetua trabalho, mas, por outro lado, só pode fazê-lo nas condições oferecidas pela sociedade onde se encontra, que determina as possibilidades e circunstâncias materiais, econômicas, culturais de seu trabalho, ou seja, que neste sentido trabalha sobre ele.

Dessa forma segundo o autor, podemos compreender que ao mesmo tempo em que esse estudante adulto trabalha para sobreviver, ele é moldado e condicionado pelas estruturas sociais, que vão decretar seu tempo e ritmo de trabalho. O trabalho, nesse sentido, determina diretamente como o indivíduo vai usar seu tempo, o que muitas vezes, o prejudica, trazendo exaustão e limitando as possibilidades de acesso à educação.

Na educação de jovens e adultos, o cansaço se manifesta de uma forma muito intensa no cotidiano desses estudantes, muitas vezes, marcados por longas jornadas de trabalho e diversas funções que estão ligadas a seu cotidiano. É importante que o educador tenha ciência, compreensão e acolhimento sobre o cansaço existencial que esses trabalhadores carregam consigo. Essa compreensão faz com que os professores não interpretem o

cansaço e as dificuldades de aprendizagens como desmotivação, ou falta de capacidade, mas, sim, como uma condição existente na vida desse trabalhador.

Quando o sonho retorna: sentidos e perspectivas do amanhã

Para muitos estudantes, o retorno aos estudos marca um recomeço e uma nova oportunidade para reescreverem suas histórias. A educação e o espaço escolar passam a ganhar um novo significado, sendo percebido como um espaço de construção de novos conhecimentos que pode contribuir para ascensão social. “A educação de adultos visa a atuar sobre as massas para que estas, pela elevação de seu padrão de cultura, produzam representantes mais capacitados para influir socialmente” (Pinto, 1982, p. 35).

Segundo o autor, a educação para jovens e adultos possibilita não apenas um acúmulo de conhecimento limitado a escolaridade. Ela atua na “elevação de cultura”, ou seja, uma construção ampla da realidade social e, essa forma, produz representantes mais capacitados por meio da ampliação da consciência crítica, contribuindo na formação de sujeitos mais ativos, conscientes e participativos socialmente.

Cacto (18 anos) nos revela que seu sonho é cursar uma faculdade de Arte, mas que a falta de opções presenciais acabam impossibilitando a sua inserção no ensino superior. *“Eu quero fazer uma faculdade de arte, mas aqui não tem o que eu quero, online eu não tenho interesse em fazer, é jogar dinheiro fora...”*

Mandacaru (19 anos) relata que sonha em se formar e finalizar a educação básica para conseguir fazer uma faculdade e buscar uma melhor condição econômica. *“Meu sonho é acabar meus estudos, fazer uma faculdade de educação física e as outras coisas; eu, ainda, tô pensando fazer um curso de mecânica, eu acho legal também... eu quero tá preparado para alguma coisa...”*

A estudante Aroeira (49 anos) relata que em razão da proibição de seu esposo, precisou interromper seus estudos, e que, hoje, encara o retorno à escola como uma nova oportunidade de conseguir alcançar seus objetivos. *“ Ah , agora eu quero recuperar o tempo perdido, eu quero terminar meus estudos, fazer uma faculdade, prestar um concurso público, eu ainda tô decidindo o que eu quero fazer”.*

O estudante Juazeiro (22 anos) não conseguiu finalizar os estudos no ensino regular, e foi remanejado para a EJA para que pudesse concluir. Mesmo diante das dificuldades, tem o sonho de cursar uma faculdade e conseguir um emprego melhor. *“Eu quero terminar logo os estudos, para fazer uma faculdade, ainda não sei o que eu quero fazer, mas eu sei que quero fazer uma faculdade”.*

Umbuzeiro (25 anos) relata que nunca deu tanta importância para os estudos, e quando mais jovem, não achava que era algo importante. No entanto, afirma que sentiu na pele a sua real importância quando o mercado de trabalho passou a exigir uma maior escolarização.

> “*[...].Eu aprontava demais na escola, naquela época eu não conseguia enxergar a importância da escola. Hoje eu quero estudar para trabalhar em um emprego menos cansativo, e quem sabe futuramente, abrir uma empresa. E para fazer tudo isso, eu sei que preciso estudar “.*

Diante das falas dos estudantes, é possível perceber que todos carregam sonhos e perspectivas para o futuro, e que enxergam na EJA um espaço de transformação social, onde eles podem voltar a sonhar e alcançar seus objetivos.

Embora, seja frequente em suas falas, mas eles ainda não sabem exatamente o que querem fazer ou qual curso pretendem seguir após a conclusão do ensino médio. Fica evidente que estarem inseridos naquele espaço educacional, possibilita que projetem uma continuação de suas caminhadas com os estudos.

> A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (Freire, 1996, p.28).

Segundo Freire, a educação, sobretudo, tem a missão de preparar esses estudantes para transformar a realidade, e que para, além disso, que consigam intervir e transformá-la. Não é apenas aprender para se ajustar ao social, é para aprender para modificar, transformar, recriar de uma forma mais justa.

Dessa forma, é importante que a educação de Jovens e Adultos não se limite a transmissão de conteúdo, mas sim, que atue como um espaço que contribua para a formação critica desses estudantes. É importante refletir sobre a função que a EJA tem exercido atualmente, pois ela não deve ser encarada como espaço que apenas capacita e modela trabalhadores para o mercado de

trabalho. É preciso que ela assuma sua principal função de contribuir na construção de trajetórias de vida, que amplie possibilidades e contribua para uma educação libertadora.

4.4 A Sociologia entre a proximidade e o distanciamento: percepções dos estudantes

A Sociologia como a Ciência que compreende a sociedade e traz para o estudante a possibilidade de aquisição de teorias e métodos que consigam compreender a realidade dos fatos sociais de uma forma científica, se distanciando de interpretações limitadas ao senso comum. Esse conhecimento pautado na cientificidade contribuiu muito nas discussões que são trazidas para dentro da sala de aula, pois podem ser discutidos temas que fazem parte da vivência dos estudantes, contribuindo para a construção de um conhecimento crítico e significativo.

Para compreender como se dá a relação dos estudantes com o ensino de Sociologia, dialoguei com eles com o intuito de compreender suas percepções sobre esse componente curricular.

Ao dialogar com os entrevistados, Cacto (18 anos) e Juazeiro (22 anos) indagando sobre suas percepções a respeito das aulas de Sociologia, senti que eles ficaram retraídos e não se sentiram à vontade para tecer maiores comentários. Ao serem questionados sobre o que acham da aula, e se sentem que essa disciplina conversa diretamente com suas realidades, dentre outros questionamentos que descrevem suas relações com a Sociologia, as respostas foram bem pontuais.

A estudante Cacto (18 anos) relatou que gosta muito das aulas de Sociologia, e que as aulas são muito legais *“Eu gosto bastante são bem legais”.* Mas ao ser questionada se os conteúdos trazidos para sala de aula conversam com sua realidade, assim respondeu que: “*Mais ou menos, tem coisa que eu não entendo”, dependendo do assunto vai, tem outros que não”.*

O estudante Juazeiro (22 anos) relatou que gosta muito da professora, e para os demais questionamentos, se limitou a dizer “sim”, “não” e “as vezes”! Pude perceber que o estudante tem uma relação de muito afeto e proximidade

com a professora, e que relatar qualquer ponto negativo sobre a disciplina de Sociologia, de alguma forma estariam expondo a professora. Apesar de sentirem liberdade e confiança para relatar sobre suas histórias de vida e objetivos futuros, senti que se sentiram retraídos nesse momento da entrevista.

Pude observar uma postura diferente nos entrevistados Mandacaru (19 anos), Aroeira (49 anos) e Umbuzeiro (25 anos). Eles sentiram-se mais à vontade para relataram suas vivências e manifestaram suas percepções com a disciplina de Sociologia.

O estudante Mandacaru (19 anos), ao ser indagado sobre suas vivências com a disciplina de Sociologia relatou que gosta muito da professora e das aulas, mas que as vezes sente dificuldade para compreender os assuntos. *"Quando eu entendo é bom, mas tem coisas que eu não entendo muito bem".* Ainda dialogando sobre suas percepções ele relatou que em alguns momentos as discussões ficam muito no senso comum e que gostaria que as discussões avançassem. *"Eu acho que tem horas que a gente se perde nas conversas, eu gostaria que a gente pudesse escrever o que pensa em um papel, para que cada um pudesse ter sua opinião.* Ele ainda relatou que não gosta de assuntos de política nas aulas, pois não levam a lugar nenhum. "Eu *não gosto de falar de política, pra mim não tem noção nenhuma e não vai chegar em lugar nenhum".*

Pude observar durante a realização dessa pesquisa, um momento em que o tema trazido para sala era política. A professora em sua explanação queria explorar o sentido etimológico do termo política, mas o diálogo não conseguiu evoluir e se limitou a partido político.

A estudante Aroeira (49 anos) ao relatar sobre suas vivências com a Sociologia, verbaliza que não consegue entender de forma clara a finalidade da disciplina, e que acha ela muito similar a outras disciplinas.

> "*Eu acho que sociologia é muito repetitiva, parece sempre a mesma coisa, pra mim, parece a mesma coisa que estudar Ciências, parece que é uma coisa misturada com a outra, e eu não consigo definir muito bem o que é, e pra que serve".*

Questionada sobre a relação da Sociologia com o seu cotidiano, Aroeira relata que devido a definição que não se faz muito clara dessa disciplina, segundo sua perspectiva, não consegue fazer nenhuma relação com

acontecimentos do cotidiano. Ela ainda relatou que em muitos momentos das aulas, as discussões se perdem em conversas paralelas e as discussões não conseguem avançar. "*O pessoal gosta de falar sobre muita coisa paralela das discussões da aula, aí às vezes a aula acaba, e a gente não conseguiu estudar sobre aquilo* "ela ainda relata: *"Até hoje eu não consegui entender o real significado da Sociologia, a proposta em si. Realmente o que é, eu não sei!"*

O estudante Umbuzeiro (25 anos) ao ser questionado sobre suas vivências com a disciplina de Sociologia, relata que gosta muito da professora e das aulas, e que durante o ano, a professora já trouxe assuntos importantes que geraram discussões enriquecedoras, mas que em outros momentos, percebe que as discussões que são levantadas não contribuem muito para a formação dos estudantes.*" Eu vejo assim, rola muita conversa na sala, e nas poucas discussões que a sala participa o pessoal não leva muito a sério[...] As discussões são sempre aquilo, nunca evoluem".*

Diante das falas dos estudantes, conseguimos compreender que o componente curricular Sociologia não tem dialogado com os estudantes de forma significativa, e tem se mostrado distante de suas vivências, e isso é movimento muito prejudicial, pois a Sociologia pode e deve ser usada como ferramenta de diálogo com os trabalhadores da EJA. É pertinente que ela cumpra seu objetivo que é despertar o potencial crítico dos estudantes, diante da realidade em que vivem. Ao relatarem que as *"discussões não evoluem"* e que não compreendem a função da disciplina, revelam uma grande lacuna na sala de aula.

Segundo Florestan Fernandes (1955), a Sociologia cumpre um papel de extrema importância na educação dos jovens, construindo saberes com o intuito de formar indivíduos críticos, pensantes que sejam conscientes de seu papel social.

> Os estudos que foram feitos pelos especialistas sobre essa questão demonstram· que, para os sociólogos, o ensino da sociologia no curso secundário representa a forma mais construtiva de divulgação dos conhecimentos sociológicos e um meio ideal, por excelência, para atingir as funções que a ciência precisa desempenhar na educação dos jovens na vida moderna(Fernandes, 1955, p.89).

O autor segue afirmando que o escopo do ensino de Sociologia “deve munir os estudantes de instrumentos de análise objetiva da realidade social” (Fernandes, 1955, p.89) com o intuito de trazer sua realidade para a sala de aula, e que seus saberes e experiências sejam elementos norteadores da construção do conhecimento.

Outra afirmação muito importante que o autor faz sobre o ensino de Sociologia, é que o educador deve;

> [...] estabelecer um conjunto de noções básicas e operativas, capazes de dar ao aluno, uma visão não estática e nem dramática da vida social, mas que lhe ensine técnicas e lhe suscite atitudes mentais capazes de levar a uma posição objetiva diante dos fenômenos sociais [...] Fernandes, 1955, p. 92).

Com base nas afirmações de Florestan Fernandes, fica evidente a importância do ensino de Sociologia na educação dos Jovens, principalmente quando ela está inserida na educação de Jovens e adultos, um espaço de pessoas marginalizadas socialmente, que precisam muito além de um ensino sistematizado dos conteúdos programáticos. É preciso que as disciplinas perpassem suas vivências para que sejam construídos conhecimentos significativos. E pensando na importância da Sociologia para a formação desses estudantes, ela deve ser trabalhada de forma direcionada e com muita intencionalidade, para que de fato sejam construídos saberes que tornem os cidadãos críticos e conhecedores da realidade em que vivem.

Tendo em vista os momentos de observação e diálogo com os estudantes e a professora de Sociologia, a EJA não tem um material direcionado para a disciplina de Sociologia. O que estava sendo ofertado, no ano 2025, era um material de Ciências humanas, onde os conteúdos eram trabalhados de forma interdisciplinar. Um material interdisciplinar de Ciências humanas seria capaz de conversar diretamente com os estudantes sobre a Sociologia e suas questões sociais? Pelas respostas dos estudantes, conseguimos identificar que não. Não os assiste, não contempla suas realidades, e deixa uma lacuna gigante entre o ensino de Sociologia e as vivências dos estudantes. Um componente de extrema importância que contribuiria muito na formação dos estudantes fica restrito ao *“e eu não consigo definir muito bem o que é, e pra que serve” (*Aroeira, 49 anos).

Durante a observação, não identifiquei o uso do material didático pela professora de Sociologia, nem pelos demais professores que ministravam aulas na quinta-feira. Diante do exposto, foi de extrema importância ouvir a professora de Sociologia, suas percepções e desafios quanto ao material ofertado e o planejar para a EJA.

4.5 Percepções dos professores: outros olhares

Com o intuito de ampliar a compreensão sobre os desafios encontrados com o ensino de Sociologia, foi importante ouvir os educadores com o objetivo de compreender suas percepções, vivências e desafios com a educação de jovens e adultos. Diante das mudanças do campo de pesquisa, constatou-se que a modalidade contava apenas com uma professora de Sociologia, visto que, apenas o 2° segmento do ensino médio estava ativo.

A educadora entrevistada é uma mulher alta, branca de 42 anos, com licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação para Antropologia, Sociologia e Ciências sociais e 13 anos de atuação na área. Durante a entrevista se mostrou muito simpática e à vontade para relatar suas percepções.

Ao questionar a professora sobre os maiores desafios encontrados em ser professora da EJA, ela relata que encara como um grande desafio e uma grande oportunidade de aprendizado, pois são pessoas de vivências, culturas e idades diferentes, e esse contexto múltiplo, em alguns momentos, dificulta com que todos sejam alcançados, mas não torna impossível*. "Eu já tive alunos de 18, até 72 anos de idade dentro de uma única sala, no primeiro ano. Então, eu vejo como desafiador para o professor docente.*"(Professora, 43 anos).

Ela seguiu o diálogo afirmando que as formações que são ofertadas para Educação de Jovens e adultos, não vêm com tantas especificações que preparam o professor para os diferentes cenários, que somente a EJA possibilita o educador encontrar. Mas embora as formações fornecidas não capacitem de forma adequada os professores, segue fazendo o possível para ofertar o melhor.

Ao indagar a professora sobre como ela percebe a relação dos estudantes com o ensino de Sociologia, ela relatou que em muitos momentos eles se

mostram perdidos, principalmente quando a proposta é trazer um conceito sobre algum autor.

> *“Eu percebo que eles ficam um pouco perdidos, referente a conceito, sobre o que é sociologia, a importância dela para a sociedade... Eu sempre digo pra eles, tudo é sociologia, toda nossa relação social é Sociologia... Mas é difícil”*
> *(Professora, 43 anos).*

A professora seguiu dialogando que já ouviu relatos de estudantes que verbalizaram que não compreendem como vão usar a Sociologia em um contexto social, e diante dessas falas, seu movimento enquanto educadora é dialogar e tentar mostrar a importância para o cotidiano deles.

Ela ainda relata que o uso do celular na sala é algo que prejudica muito a atenção dos estudantes, e que mesmo sendo algo proibido, eles não se importam. *“eles continuam usando, às vezes você tá falando ali uma coisa que na sua concepção você vê como aquela habilidade importante pra eles, eles não dão tanta importância assim [...] ”* (Professora, 43 anos). Ela ainda relata que muitas vezes indaga a turma sobre a importância de estarem ali, e do que está sendo discutido, mas sente que muitas vezes é em vão.

Quando questionada sobre como planeja Sociologia para EJA, e suas percepções sobre o material interdisciplinar de Ciências humanas que está sendo ofertada, ela relatou que o material é falho e fraco, não assiste as necessidades dos estudantes, e além disso, é um material muito curto e, foi o que dificultou a divisão dos conteúdos para que cada professor trabalhasse sua disciplina*; “A área de humanas é compreendida como uma coisa só, joga tudo em um bolo e fala que é humanas* [...]” (Professora, 43 anos).

O que podemos compreender por meio da fala da professora é que diante do material ofertado, a disciplina de Sociologia sofre um verdadeiro apagamento diante do que está sendo proposto. O que está sendo ofertado não contempla a vivência dos estudantes, nem contribuí para a uma formação crítica, por isso o material não é utilizado pela professora e estudantes.

Ela ainda relata que sente total liberdade para planejar, e que busca muitas propostas extras para despertar o interesse dos estudantes já que o material proposto não é utilizado. *“Eles gostam de atividades diferentes, que chamem atenção, mas muitas vezes se tornam inviáveis” (*Professora, 43 anos).

Ela segue relatando que planejar atividades diferenciadas, muitas vezes, se torna um desafio. Ela citou que os estudantes adoram usar Chromebook[9], mas que pelo horário da aula, e por não ter nenhum servidor, na escola, responsável por ajudar transportar, e cuidar do funcionamento dos aparelhos, torna a utilização muito difícil. *“Aqueles servidores que eram destinados a colocar os Chromebooks pra carregar, ali acabou. Agora virou atribuição do professor".*

> *Agora você imagina uma aula de 45 minutos, ir atrás de Chromebooks, verificar a carga deles, levar para a sala, fazer conecção. ,Até lá, a aula já acabou...Tem coisas que queremos fazer, mas pelo contexto, é difícil (Professora, 43 anos).*

Enquanto pesquisadora, inserida naquele contexto por algumas semanas, pude perceber que existem vários fatores que contribuem para que os estudantes apresentem dificuldades para compreender a importância e aplicabilidade da Sociologia em suas vidas. Um dos fatores é o tempo de aula, de apenas 45 minutos, como também, a maneira como foi organizada a matriz curricular da EJA, direcionando a Sociologia para a última aula do dia, o momento em que os estudantes já se mostram esgotados pelo cansaço, e por conta do horário, muito já foram embora.se tornando muito difícil construir um diálogo sólido e profundo sobre a disciplina.

Diante da fala da professora, podemos identificar os desafios estruturais encontrados pelo educador, os quais se encontram aquém de suas intenções pedagógicas. O educador se faz muito importante nesse professo pedagógico e, segundo Paulo Freire (1996, p.13),

> É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam que exigem a presença de educadores.

Freire descreve que a prática do educador deve estar comprometida e direcionada para a formação social e política do estudante, e como essas práticas contribuem para formar um sujeito crítico e pensante. Ele descreve, também, que o ensinar vai muito além do transmitir conteúdo, pois o saber não é transmitido, ele é construído nesse processo da aquisição de saberes.

---

[9]Chromebook é um tipo de computador, laptop utilizado para os estudantes fazerem pesquisas, ofertado pela SEDUC.

É muito importante, a partir dessa concepção de Freire, compreender a importância potencializadora e indispensável que a ação do professor tem nesse processo de aprendizagem entre ele e o estudante, mas é importante refletirmos também, diante do exposto, as diversas condições desafiadoras onde o professor é colocado, e não as descartar como fatores que podem prejudicar a execução do papel do professor de forma impulsionadora.

> Desse ponto de vista, a docência é um trabalho que podemos denominar parcialmente flexível, do qual alguns limites quantitativos e qualitativos dependem de muitos fatores. Dissemos "parcialmente elásticos" (e não completamente),porque algumas tarefas têm uma duração legal bem determina pela organização escolar (as aulas, a vigilância na hora das recreações, etc.) (Tardif; Lessard*,* 2005, p.157).

A partir da ideia dos autores, podemos compreender que o trabalho do professor se torna “parcialmente flexível”, pois, embora seja marcado por procedimentos claramente definidos no contexto escolar, a sua ação não se limita a esse espaço, muitas vezes as exigências do trabalho ultrapassam os muros institucionais, acarretando em uma sobrecarga de trabalho.

O professor não vem pronto para a sala de aula, ele não sonha com as propostas e procedimentos pedagógicos, e os executa milagrosamente. Ele necessita de estudo e preparo, preparo para suas aulas e para as demandas institucionais, e tudo isso demanda tempo.

> A docência é um trabalho parcialmente flexível que varia, temporalmente falando da função de um grande número de fatores. A tarefa gira, normalmente, em torno de 37 a 40 horas de trabalho semanal. Um pequeno número de professores apenas cumpre essas exigências. Ao passo que outros, mais numerosos, se comprometem a fundo na profissão em contar as horas(Tardif; Lessard*,* 2005, p.157).

Segundo a professora, a forma como o material foi organizado não valorizava o ensino de Sociologia, fazendo com que o mesmo fosse descartado. Diante dessa afirmação, achei pertinente conversar com professores de outras disciplinas para ouvir suas percepções sobre o material, para compreender se era apenas uma percepção da professora com o componente curricular Sociologia, ou se essa dificuldade em usar o material ofertado pela SEDUC de Mato Grosso (Secretária de Estado e Educação) se estendia para outras disciplinas.

Convidei 2(dois) professores de outras disciplinas, que tive contato durante o período de observação para ouvir suas perspectivas quanto ao material ofertado pela (SEDUC).

O 2° professor entrevistado é um homem baixo e negro, 28 anos e graduado em Licenciatura em ciências naturais e matemática, habilitação de física, e atualmente faz Mestrado em Ciências Naturais e Matemática.

Ao ser questionado sobre suas perspectivas sobre o planejar para a EJA e sobre o material vigente, ele relatou que o material proposto não é utilizado, pois não veio a quantidade correta para os estudantes, e utilizá-lo como manual do professor para planejar aulas se torna inviável, pois é um material vago e pobre, que não contempla as aprendizagens dos estudantes. *"Pra mim ele é muito solto, ele trabalha com temas gerais[...]" Se não tem uma proposta interdisciplinar para conversar com outras disciplinas, ele é vago"*(Professor, 28 anos). Ele ainda descreve que a o material não apresenta exercícios de fixação, nem questões norteadoras, fazendo com que muitas vezes, a proposta do tema se esgote com muita facilidade, fazendo com que se busque muitas atividades extras para planejar suas aulas.

> *"Eu acho que quando você oferta um material, precisa seguir a PNLD, [10]mas na minha opinião ele não segue o PNLD. Porque no PNLD tem toda uma diretriz, né? Tem que ter X exercícios, tem que ter exercício fraco, médio, difícil, tem que ter pessoas heterogêneas, ou seja, vai ter mulher negra, vai ter mulher branca, vai ter homem negro, homem branco, vai ter tudo isso no livro, né?*(Professor, 28 anos).

Ele ainda descreve que não considera o material totalmente descartável, mas acredita que quem idealizou e planejou o material não conhece o contexto da EJA.

> *Eu acho que, na minha opinião, não é que esse material seja totalmente descartável, mas eu acho que quem fez ele não seguiu o PNLD, obviamente, e eu acredito que ele não foi numa sala de EJA. Pelo menos uma sala de EJA tão heterogênea igual a nossa. Que tem*

[10] PNLD: O Programa Nacional do Livro Didático é um programa voltados a distribuir obras didáticas, pedagógicas e literárias para as escolas públicas no país.

> *pessoas de diferentes classes, pessoas de diferentes idades. Então, assim, ele não dialoga com essas pessoas. (Professor, 28 anos)*

O terceiro professor entrevistado é um homem baixo, negro de 32 anos, formado em Licenciatura plena em filosofia, com 10 anos de experiência como educador.

Ao ser questionado sobre suas percepções e vivências com a EJA, ele descreve que planejar para Educação de Jovens e Adultos é um grande desafio, mas também é muito gratificante pelas relações que são construídas naquele contexto. *"É muito gratificante e desafiador. uma experiência distinta do regular com muitas particularidades como idade, questões sociais e de gênero etc..."(* Professor, 32 anos).

Ao ser indagado sobre a participação e interesse dos estudantes em sua aula, ele relata que quando o tema proposto atravessa de forma significativa o interesse dos estudantes, eles se tornam participativos e interessados na aula. *"São participativos nos temas em que se sentem participantes, como política, sociedade etc."(* Professor, 32 anos).

No que se refere à funcionalidade do material vigente da disciplina na qual ministra, ele relata que o material ofertado não se torna suficiente, pois ele não é dividido por disciplinas, mas sim, por área do conhecimento, dificultando o planejar do professor e sua aplicabilidade. *"Existe apenas o material por área de ensino e que em minha opinião não é suficiente pois é organizado por área e não por disciplina*" (Professor, 32 anos).

Ainda relatando sobre suas vivências com a EJA, ele descreve as dificuldades de trabalhar com um público tão heterogêneo, e com níveis de aprendizagens tão distintos, e como se torna um grande desafio motivar estudantes após uma rotina de trabalho tão cansativa, e ter a missão de trabalhar e adequar materiais que muitas vezes, não suprem a necessidade da EJA, e estão distantes de suas realidades.

> "*Os maiores desafios da prática docente na EJA envolvem lidar com a grande heterogeneidade das turmas, que reúnem jovens, adultos e idosos com diferentes níveis de escolarização, experiências de vida e ritmos de aprendizagem; a necessidade de motivar estudantes cansados após a rotina de trabalho; a adequação de materiais didáticos que, em muitos casos, não foram pensados para essa modalidade[...] (Professor, 32 anos).*

Diante da fala e vivências descritas pelos professores, podemos compreender que as percepções da professora de Sociologia não se fazem isoladas quanto a aplicabilidade e utilidade do material proposto. De fato, o material ofertado, não apenas apaga a importância da Sociologia para a formação dos estudantes, mas também não contribuí tão significativamente para as outras disciplinas propostas. A proposta inicial era ouvir apenas os professores de Sociologia para que fosse compreendido como ocorre a relação dos estudantes com o ensino de Sociologia. Mas como só poderíamos dialogar com apenas uma professora, por não ter outro segmento além do 2° segmento do ensino médio, optamos por ouvir mais dois professores de outras áreas para dialogar sobre as dificuldades que eles encontram em planejar sobre o material Pedagógico vigente.

4.6 Aplicação do Material Pedagógico

O material proposto foi para a escola pesquisada realizar sua testagem no ano de 2025 com a modalidade EJA, no ensino médio, sendo ofertado para a professora de sociologia do 2° segmento, para auxiliá-la com propostas para o ensino de sociologia, visto que, o material ofertado para o ano de 2025, de ciências humanas, traz a sociologia de forma interdisciplinar e não há um material direcionado para discutir a sociologia de forma mais próxima.

Este material pode ser usado em qualquer segmento do ensino médio da EJA, pois a proposta principal é gerar discussões significativas para os estudantes, partindo de provocações sociológicas. A proposta desse material didático é sustentada na pedagogia sociocultural freireana com o objetivo de trazer perspectivas pautadas em problemáticas que podem gerar debate em sala partindo de questionamentos do cotidiano dos estudantes. É importante perceber e valorizar suas vivências como práticas condutoras para o aprendizado significativo.

Segundo Paulo Freire (1996), ensinar requer respeito aos saberes que os educandos já carregam, portanto, é necessário valorizar e respeitar suas experiências de vida, e considerá-las no processo de construção de conhecimento.

Paulo Freire sempre acreditou na educação como prática para a liberdade e para construção de conhecimento que liberta, que abre os olhos do educando para a realidade em que vive.

> Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos[...](Freire, 1996. p.17).

Colocar temas geradores no centro das aprendizagens desses estudantes é valorizar seu conhecimento de mundo, suas histórias e suas vivências. Com essa proposta de material pedagógico, buscamos colocar os estudantes como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a construção de uma consciência crítica de suas identidades.

Após a construção do material pedagógico, partindo das dificuldades encontradas, foi o momento de apresentá-lo para os estudantes do 2° segmento. A aplicação do material teste ocorreu na segunda semana de dezembro na mesma sala onde foi realizada a pesquisa, pois, no momento, só a sala do 2° segmento estava ativa, impossibilitando fazer o teste em outra turma da EJA. A professora recebeu o material com antecedência e foi convidada para fazer a realização do teste e pontuar suas impressões sobre o material.

Inicialmente, foram encontradas algumas dificuldades para aplicação do material, pois o ano letivo já se encaminhava para o encerramento, e só tínhamos duas semanas, o que seriam duas aulas para fazer o teste. Os estudantes estavam muito agitados e inquietos, se mostrando ansiosos para o fim das aulas. E para dificultar ainda mais, a situação em relação à falta de tempo, no fim da aula do primeiro dia de aplicação, a coordenadora foi na sala e informou os estudantes que eles estavam dispensados, e que não precisariam ir na semana seguinte, pois já estariam de férias.

O material foi apresentado como suporte pedagógico de introdução ao Ensino de Sociologia, pensado e construído com o intuito de aproximar esses estudantes da Sociologia, trazendo uma proposta de material que informe e discuta com os estudantes o conceito do que é Sociologia, sua funcionalidade,

partindo do seu surgimento, trazendo de forma dinâmica as contribuições dos pensadores clássicos, e discutindo-a a partir de temas atuais.

No momento que os estudantes pegaram o material em suas mãos, fizeram um cara de surpresa, acompanhada de risos, e a primeira coisa que chamou atenção para alguns estudantes foi a capa do material, pois continha uma foto deles em sala. A foto da capa foi fruto de um registro espontâneo de um determinado momento da aula, onde mostrava o momento de interação de alguns, e o cansaço esmagador de outros. O registro da foto apresentava os estudantes com seus rostos embaçados, não os identificando, mas para quem pertencia aquele espaço, ter o rosto tampado não fez a maior diferença, eles riram e identificaram todos.

Depois dos risos e comentários, minha primeira reação foi questionar sobre a foto da capa do material e se eles tinham gostado. Minha preocupação foi que de alguma forma, aquele registro gerasse algum tipo de constrangimento, apesar dos risos, eles relataram que gostaram muito.

Ao serem questionados sobre suas impressões sobre o material, um dos pontos mencionados foi a parte estética. Os estudantes comentaram que ficou bonito, organizado, e que as explicações coloridas chamam atenção e contribuem para entender os conceitos que serão trabalhados em sala. Outro ponto elogiado por eles foi a sugestão de vídeos para auxiliar na compreensão do conteúdo, foi relatado que os vídeos deixam as aulas mais dinâmicas e compreensíveis.

A professora me comunicou que tomou a liberdade de testar o material, também, na sala do 2° ano do ensino regular, e que a reação dos estudantes foi muito positiva. Segundo ela, uma das primeiras coisas que chamaram atenção, foi sua estética colorida e dinâmica, e que a linguagem do material é de fácil compreensão.

Em diálogo com a professora regente sobre sua percepção quanto ao material; ela elogiou a forma como foi organizado, a estética colorida, dinâmica ,e com imagens para ajudar no que se propõe discutir. Elogiou também a linguagem acessível que ele foi construído, a construção dos textos claros, curtos e objetivos, o que torna a leitura mais leve e compreensível. Ela sugeriu

que o material trouxesse uma dinâmica de aproximação dos conceitos que são estudados sobre os clássicos da Sociologia com vivências cotidianas que pudessem atravessar o dia a dia dos estudantes ou seja, uma relação direta entre conceito e fatos do cotidiano. Essa percepção foi acolhida pela pesquisadora e Orientador, e a proposta é ajustar o material para que ele fique o mais acessível possível para os estudantes, compreenderem sobre o que é Sociologia e sua importância para compreensão da Sociedade.

Diante do observado durante a realização desta pesquisa, ficou evidente que apenas uma aula de Sociologia por semana, se torna significativamente pouco diante da importância de tantos temas que podem ser discutidos na aula. O tempo curto de aula, e para o momento que ela é direcionada, para o fim da semana, na última aula, só evidencia que ela não é vista como importante, e como esse movimento de desvalorização também afeta os estudantes, fazendo com que não valorizem nem compreendam o que é Sociologia e nem sua função. Diante do observado, percebemos que o ensino de Sociologia é afetado pela estrutura curricular da escola, que por sua vez, disponibiliza apenas uma aula semanal e disponibiliza um material muito simples e sem aprofundamento, o que compromete o a profundidade das discussões, dificultando o processo de superação do senso comum.

A proposta desse Material Pedagógico não é substituir nenhum material, mas sim, como um material complementar para auxiliar nas propostas direcionadas ao ensino de Sociologia. São temáticas muito importantes, que podem auxiliar em discussões significativas para sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar compreender os impactos do Ensino de Sociologia na formação dos estudantes da EJA, o presente trabalho trouxe por meio de pesquisa bibliográfica, uma gama de autores que nos ajudam a compreender a história da Sociologia, sua importância para a Educação de Jovens e Adultos, e como ela contribuí diretamente no despertar crítico desses estudantes.

Com os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo realizada, podemos compreender que os estudantes investigados do 2° segmento do ensino médio da EJA, da Escola Estadual Edeli Mantovani, Sinop/MT, demonstram uma relação de distanciamento com o Ensino de Sociologia, e por ser um componente curricular aparentemente distante, não se conecta diretamente com suas vivências. Diante disso, relatam não compreender sua utilidade em sala de aula.

Podemos apontar, diante do que foi ouvido e observado, que isso ocorre por diversos fatores como: não existir um material direcionado para o Ensino de Sociologia; existir apenas 1 aula por semana; a aula ser direcionada para um momento de pouca frequência dos estudantes. e além disso, os professores foram ouvidos, e por meio desse diálogo, conseguimos compreender as dificuldades encontradas em proporcionar uma aula significativa para os estudantes. Eles relataram as dificuldades estruturais que o sistema educacional traz, e como isso pode dificultar, burocratizar e sobrecarregar o trabalho do professor.

Portanto, podemos compreender que essa pesquisa tem muito a contribuir no campo Científico, pois evidencia a importância do Ensino de Sociologia na formação integral dos estudantes da EJA, e reafirma sua importância para a construção de cidadãos críticos e pensantes que transformam o mundo que vivem.

Além das contribuições já citadas, também contribuiu para a elaboração de um Material Pedagógico intitulado: “Olhares sobre o mundo: Introdução ao Ensino de Sociologia para EJA”, composto por propostas que contribuem para a compreensão do que é a Sociologia, como ela surgiu, sua finalidade e sua

importância para a sociedade, por meio de uma linguagem acessível e dinâmica que conversa de forma mais próxima com os estudantes com o objetivo de evidenciar a importância do Ensino de Sociologia na formação desses estudantes.

Vale ressaltar que esse estudo não tem a intenção de apontar a solução que possa sanar, ou resolver a falta de relação dos estudantes da EJA com o Ensino Sociologia, mas compreender como tem acontecido essa relação e descrever a perspectiva dos estudantes e professores envolvidos nesse contexto.

REFERÊNCIAS

BASEGIO, Leandro; BORGES, Márcia. **Educação de jovens e adultos**: reflexões sobre novas práticas pedagógicas. 1. ed. São Paulo: intersaberes, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 9. ed. São Paulo. Brasiliense, 1981.

BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Documento referencial para implementação das diretrizes operacionais de EJA, nos Estados, Municípios e Distrito Federal. Brasília, 18 maio 2021. Disponível em: https://www.mec.gov.br/eja-diretrizes. Acesso em: 2 mar. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf

. Acesso em: 13 abr. 2026.

DICIO.*Dicionário online de português.* Disponível em: https://www.dicio.com.br. Acesso em: 12 mar. 2025.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método Sociológico**. trad. Paulo Neve; revisão da tradução Eduardo Brandão. – 3. ed – São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Coleção tópicos).

FEITOSA, Débora Alves. A Aventura de Escrever uma Tese. In*:* FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.), **O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação** / – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2016.

FERNANDES, Florestan. **O ensino da sociologia na escola secundária brasileira**. In: *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia*, São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, **1955**. p. 89-106.

Acesso em: https://pt.scribd.com/document/234149413/O-Ensino-de-Sociologia-Na-Escola-Secundaria-Brasileira

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á pratica educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996- Coleção Literatura.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários á prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996- Coleção leitura.

GÓMES, Clara. **O ensino de sociologia na EJA:** a percepção dos estudantes da educação de jovens e adultos do colégio de aplicação da universidade federal do rio grande do sul sobre a disciplina. Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. UFRGS, 2020.

GOLDEMBERG, Mirian**. A Arte de pesquisar**: como fazer pesquisas qualitativas em ciências sociais. São Paulo/ Rio de Janeiro, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis. Vozes, 1998.

MARTINS, Carlos Benedito**. O que é sociologia?** 30° Ed**.** São Paulo; Coleção primeiros passos, 1994.

MOREIRA, Augusto**. O método Fenomenológico na pesquisa.** São Paulo, 2002.

NETO, Ney, FerreiraJansen. **Escola, ensino de sociologia e políticas educacionais**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2019. *E-book*. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 24 abr. 2025.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de.; SILVA, Monique da. Em Defesa da Leveza, do Sensível e da Sensibilidade na Pesquisa em Educação. In:FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.), **O sensível e sensibilidade na pesquisa emeducação**/ – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2016.

PAVEI, Katiuci; MELLO, Pedro Dionizio. Discutindo desigualdades de gênero no mercado de trabalho em uma turma de EJA. **Revista Café com Sociologia**. V.7. N. 3, Ago. Dez. 2018.

PIMENTEL, Álamo. Sensibilidade e criação. In:FEITOSA, DéboraAlves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.), **O sensível e sensibilidade na pesquisa emeducação**/ – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2016.

SILVA, Leí Terezinha Pacheco Pillar, SANT´ ANNA, Sita Mara Lopes. Diversidadeetária na EJA. SILVA, Leí Terezinha Pacheco Pillar, ROCHA, Pedro Chaves, TANIA, Beatriz Iwaszko Marques, ARENHALDT, Rafael, SANTOS, Simone Valdete (Orgs.), **Refletindo sobre PROEJA:** produções de São Vicente do Sul/ -Pelotas – Universitária/UFPEL, 2010. p 67 – 82.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de jovens e adultos**. 2. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2023. *E-book*. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 24 abr. 2025.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ*:* Vozes, 2005*.*

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva.**Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENDOLF, Silvio Cesar.**A educação de jovens e adultos – EJA na Escola Professora Edeli Mantovani, Sinop – MT:** história, educação e cidadania. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Sinop.

VERAS, Helena Bertoleti; SANTOS, Josivaldo Constantino dos. O papel social da educação de jovens e adultos.In: FARIA, HeleniceJoviane Roque; OLIVEIRA, Célia Zeri; BRITTO, Erika Pessoa Japhyassu (orgs.), **Memórias, desenvolvimentos e avanços na educação de jovens e adultos/** -Campinas/SP: Mercado de letras, 2019. p.65 – 84.

VIANA, Nildo. **Introdução à sociologia**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. *E-book*. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 21 mar. 2025.

VIEIRA Pinto, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**, 1982.

Acesso em: Acesso:https://pt.slideshare.net/slideshow/7-lies-sobre-educao-de-adultos/28538595#1

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. rev. téc. Gabriel Conh. 4. ed. Brasília: UNB, v. 1, 2012.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

A observação consistiu em observar os seguintes pontos;

- a) como ocorre a dinâmica da sala de aula;

- b) quais temas são trazidos para discussão em sala de aula,

- c) quais materiais são utilizados para a condução das aulas;

- d) como tem sido o interesse e participação dos estudantes nas discussões em sala,

- e) como é a relação do professor com os estudantes;

- f) a sala é mais composta por homens ou mulheres?

- g) como é a relação dos estudantes entre si? Comunicam-se? Demonstram afeto um pelo outro?

- H) entre outras questões que podem surgir durante a observação;

APÊNDICE B– QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO (estudantes)

1. Nome completo?

_____

2. Idade?

_____

3. Naturalidade (estado, cidade)

_____

4. Tempo que reside em Sinop?

_____

5. Estado civil? Se for casado(a), quanto tempo?

_____

6. Possui filhos? Se sim, quantos?

_____

7. Trabalha com carteira assinada? Se caso não possui, qual a sua ocupação atualmente?

_____

8. Trabalha quantas horas por dia?

_____

_____

9. Qual a distância da sua residência até a escola e qual transporte você utiliza?

_____

10. Se tem filhos, onde os deixa para vir a escola?

_____

11. Em qual etapa da modalidade EJA, você se encontra?

_____

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. conte como é sua rotina no dia a dia? trabalha com o que?
2. Você consegue ter um tempo durante a semana para estudar?
3. Quais as maiores dificuldades que você encontra em conciliar os estudos com as demais funções de seu dia-a-dia ?
4. O que te lev ou a desistir dos estudos no ensino regular?
5. O que te fez querer retornar para escola?
6. Quais são seus sonhos e perspectivas após concluir a EJA?(pretende fazer faculdade, curso técnico, ou algum outro curso?)
7. Você se sente acolhido(a) pelos professores da EJA? Você sente que eles compreendem suas dificuldades em estar aqui?
8. Qual a disciplina que você mais gosta? E por quê?
9. Você gosta das aulas de Sociologia? Me conta um pouquinho como elas são?
10. Você sente que as aulas de Sociologia têm te ajudado a compreender melhor a sua realidade? Me conte algum fato que ela te ajudou a esclarecer?
11. Qual tema que foi tratado nas aulas de Sociologia que você mais gostou de discutir?
12. O professor de Sociologia já usou algum fato do cotidiano ou da realidade para guiar as discussões das aulas?
13. A aula de Sociologia é guiada por algum material estruturado?
14. O que a modalidade EJA representa para você?

APENDICE D- ROTEIRO DE ENTREVISTA (PROFESSORES)

1.Qual sua formação acadêmica? Qual a sua idade?

_____

2.Quantos anos de exercício profissional? Há quanto tempo você trabalha nessa escola?

_____

3.Como é ministrar aula de Sociologia para a modalidade EJA?

_____

4.Como tem sido a participação dos estudantes nas aulas de Sociologia? Eles participam? Tem demonstrado interesse?

_____

5.Você sente que tem autonomia para construir o seu planejamento?

_____

6.Você se sente livre para usar algum tema do cotidiano dos estudantes, para elaborar seu planejamento?

b) comente

_____

7.Como planejar para os estudantes da EJA? O que os distingue dos estudantes do ensino regular?

_____

8.Você acha que o ensino de Sociologia contribuí para a formação dos estudantes da EJA? Por quê?

_____

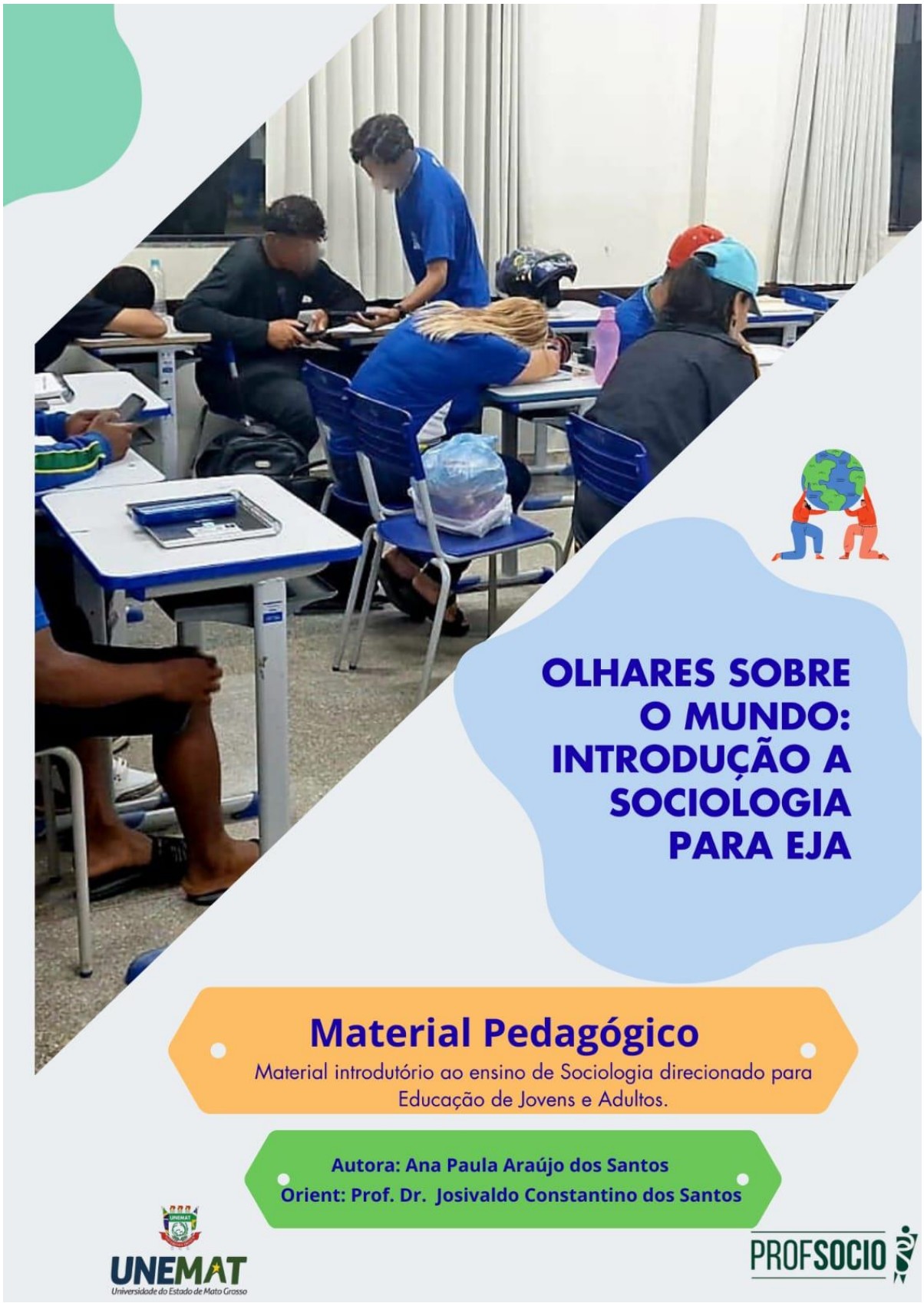
9.Quais os maiores desafios para a prática docente do professor de Sociologia na modalidade EJA?

_____

CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	PERÍODO
CONCLUSÕES DE CRÉDITOS DA DISCIPLINA	Março 2024 – maio 2025
LEITURAS E FICHAMENTOS	Março 2024 – maio 2025
CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DO TCC	Março 2024 – maio 2025
APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO TCC	Maio 2025
ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO NA ESCOLA	Agosto 2025
ORGANIZAÇÃO DA PROPOSTA TEÓRICA E ELABORAÇÃO DO TEXTO PARA TCC	Novembro 2025
ENTREGA DO TCC PARA ORIENTADOR	Dezembro 2025
REVISÃO DA TCC APÓS DA DEVOLUÇÃO DA ORIENTADOR	Janeiro 2025
ENTREGA DEFINITIVA DO TCC	Março 2026
DEFESA DO TCC	Março 2026
PRAZO MÁXIMO DE DEFESA	Março 2026

MATERIAL PEDAGÓGICO



Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

S237o Santos, Ana Paula Araujo Dos.
Olhares sobre o mundo: Introdução a Sociologia para a EJA - Material Pedagógico / Ana Paula Araujo Dos Santos. - Cáceres, 2026.
31f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Sociologia/SNP-PROFSOCIO - Sinop - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Josivaldo Constantino dos Santos.

1. Material Pedagógico. 2. Ensino de Sociologia. 3. EJA. I. Santos, Josivaldo Constantino dos. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 37.013.78

Apresentação

O presente material pedagógico é fruto dos estudos desenvolvidos no Mestrado Profissional em Rede Nacional de Sociologia (ProfSocio). Ele foi pensado com o objetivo de reconhecer e valorizar a importância da Sociologia para a compreensão da sociedade e para a formação dos estudantes do Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos.

Esse material foi organizado de forma ilustrativa e dinâmica para conversar com os estudantes sobre o surgimento e a importância da Sociologia para a vida social e para a formação do indivíduo crítico e pensante.

O estudo da Sociologia no contexto da Educação de Jovens e Adultos tem muito a contribuir, para o processo de formação e transformação do estudante, contribuindo para uma formação emancipadora, que permite a compreensão da sociedade e da realidade em que vive.

Pois é discutindo sobre questões sociais, sobre a realidade em que vivemos, sobre a colaboração e responsabilidades que temos enquanto indivíduos que fazem parte de uma sociedade, é que podemos caminhar e avançar no exercício da cidadania.

ANA PAULA ARAUJO DOS SANTOS

SUMÁRIO

O que é Sociologia? ----- 01

Vamos conhecer como a Sociologia surgiu?-------- 02

Pensadores da Sociologia--07

Auguste Comte----------08

Karl Marx----------11

Émile Durkheim----------15

Max Weber----------18

O que é sociedade---------- 16

Qual a finalidade da Sociologia?---------- 23

Referências----------28

O QUE É SOCIOLOGIA?

VOCÊ SABE O QUE É SOCIOLOGIA, E POR QUE ELA É TÃO IMPORTANTE PARA A COMPREENSÃO DA NOSSA SOCIEDADE?

Podemos dizer que a sociologia é a ciência que estuda a vida social, e o modo como as pessoas vivem e se organizam. Ela nos ajuda a entender por que a sociedade age e se organiza como temos visto e percebido em nosso dia a dia.

VAMOS CONHECER A PERSPECTIVA DE ALGUNS AUTORES SOBRE ESSA CIÊNCIA?

Segundo o sociólogo Carlos Benedito Martins(1994) a sociologia é um conjunto de conceitos, técnicas e métodos de investigação, produzidos para entender a vida social.

Para o sociólogo Nildo Viana(2011) a sociologia pode ter várias definições, como; "a ciência dos fatos sociais", ou ainda, "ciência da ação social", ele ainda usa a etimologia da palavra (sócio= sociedade+ logia= ciência), para explicar de forma mais clara esse conceito.

DESSA FORMA, PODEMOS COMPREENDER, QUE A SOCIOLOGIA É UMA CIÊNCIA QUE USA MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO E TÉCNICAS PARA INVESTIGAR E COMPREENDER A VIDA SOCIAL.



1

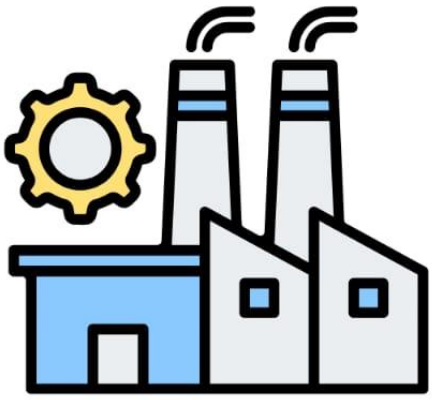
Vamos conhecer como a Sociologia surgiu?



Segundo o sociólogo Carlos Benedito Martins(1994) o surgimento da sociologia não é obra de um único estudioso ou cientista, ela foi pensada por um conjunto de pensadores que sentiram a necessidade de compreender as modificações sociais que estavam em curso, em seu determinado tempo.

O Século XVIII traz diversas transformações sociais e marcos importantes que contribuem para o surgimento da Sociologia como ciência. Segundo o Sociólogo Carlos Benedito Martins(1994) a Revolução Industrial representou muito mais do que a modificação do trabalho humano e do surgimento das máquinas, ela representa o triunfo da indústria capitalista dirigida e comandada pelos empresários capitalistas que foram aos poucos, organizando as terras as máquinas, e os trabalhadores ao seu comando.

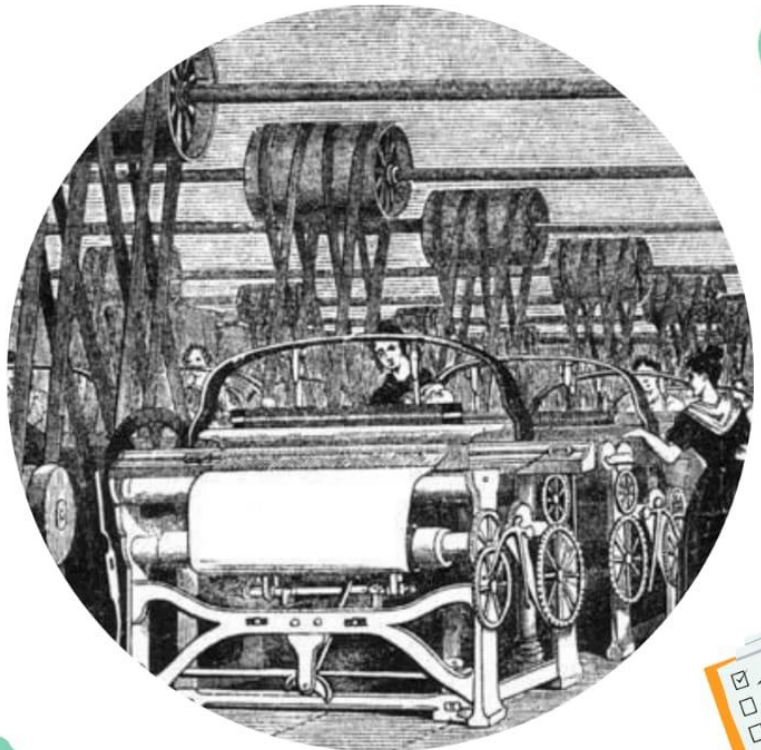




2



A Sociologia como Ciência surge em um contexto de fortes mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, mais precisamente para compreender as mudanças causadas pela "Revolução Industrial", pois esse período trouxe diversas mudanças como; substituição do trabalho humano por máquinas, transformação de produção de bens e produtos, além de modificar o modo de vida das pessoas.



Fábrica de tecidos em funcionamento após a chegada das máquinas

Imagem retirada do site "Toda matéria": https://www.todamateria.com.br/revolucao-industrial/2025.



Fábrica de tecidos em funcionamento após a chegada das máquinas



Imagem retirada do site "Toda matéria": https://www.todamateria.com.br/revolucao-industrial/2025.

Esse período de industrialização modificou diretamente o modo de vida das pessoas que moravam no campo, pois muitas delas, precisavam se deslocar para as cidades grandes em busca de trabalho e qualidade de vida, já que as indústrias estavam crescendo e precisavam de mão de obra para operar as máquinas. É nesse contexto de ambientes urbanos super lotados e com diversas transformações, que ocorrem várias epidemias, aumento da violência, criminalidade, alcoolismo, prostituição, entre outros problemas sociais. Em meio a esse caos, e diversas mudanças sociais como resultado da industrialização, é que surge a "Sociologia como Ciência", com o objetivo de estudar as manifestações sociais daquela época, com o intuito de explicar os fatos daquela nova realidade social.

Atividades



Sugestão de vídeo para iniciar as discussões:

YouTube

O QUE É SOCIOLOGIA?

https://www.youtube.com/watch?v=w2g8FZJDPPc

Canal do youtube:

CAFÉ COM SOCIOLOGIA

https://www.youtube.com/watch?v=w2g8FZJDPPc

5





Por que foi importante surgir uma ciência, como a Sociologia, para estudar a sociedade?



DIALOGUE COM A TURMA E COM O PROFESSOR E REGISTRE AS OBSERVAÇÕES

6

Pensadores da Sociologia

Vamos conhecer os clássicos da sociologia?

PENSADORES CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA

(1798-1857)



AUGUSTE COMTE
Pai da Sociologia
Positivismo
Ordem e progresso

(1818-1883)



KARL MARX
Critica ao capitalismo
Luta de classes
Alienação e exploração

(1858-1914)



ÉMILE DURKHEIM
Consolidou a Sociologia
Fatos sociais
Solidariedade

(1864-1920)



MAX WEBER
Compreensão da ação social
Racionalização
Autoridade

Linha do tempo

1798 – Nasce Auguste Comte
1818 – Nasce Karl Marx
1857 – Morre Comte
1858 – Nasce Émile Durkheim
1883 – Morre Marx
1917 – Morre Durkheim
1920 – Morre Weber

7

(1798-1857)



AUGUSTE COMTE

Paí da Sociología

Positivismo

Ordem e progresso

Auguste Comte: é considerado o pai da sociologia e defensor do positivismo, que defende que a sociedade deveria ser investigada com observação, empirismo e métodos científicos, assim como eram as ciências naturais. Ele acreditava que a sociedade deveria ser compreendida de maneira racional, só assim, ela conseguiria ser organizada.



Imagem retirada do site: "Nova escola"https://novaescola.org.br/conteudo/7221/auguste-comte

8



O positivismo de Auguste Comte está presente em nosso dia a dia, e podemos identificar isso, quando observamos a valorização da ciência e a utilização de dados científicos utilizados para organizar a sociedade.

Um exemplo disso, é quando se precisa investir na saúde pública de uma cidade ampliando a quantidade de postos de saúde. Nenhuma uma decisão é tomada por achismo, é preciso que haja o estudo científico, um planejamento técnico para que se planeje onde serão localizadas as unidades de atendimento.

Dessa forma, podemos identificar a utilização da ideia Positivista, defendida por Comte, de que o conhecimento válido, é aquele advindo da observação e da comprovação científica, e não, de um mero achismo.



9

Atividades



Vamos pensar?

Segundo Auguste Comte, o conhecimento confiável, é aquele que pode ser observado e comprovado. O que acontece com os conhecimentos baseados na fé e nas experiências de vida? converse com a turma.

10



KARL MARX
Critica ao capitalismo
Luta de classes
Alienação e exploração

(1818-1883)

Karl Marx: foi um pensador diferente de Durkheim e Weber, pois ele não tinha nenhuma pretensão de criar uma ciência particular para compreender algo, muito pelo contrário, ele teceu várias críticas a isso, pois ele acreditava ser uma ciência muito parcial (compreendida por suas partes).

Ele não tinha interesse em estudar e compreender a sociedade por suas partes, mas sim, em sua totalidade, sem os recortes utilizados pelas ciências particulares.



Imagem gerada por Inteligência Artificial(Chat GPT, 2025).

Karl Marx

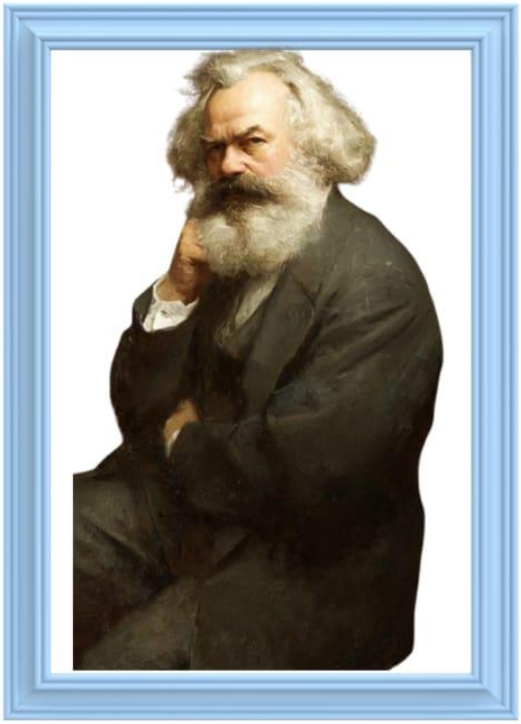


Imagem gerada por Inteligência Artificial(GEMINI, Goglee, 2025).

Ele analisou a sociedade, partindo das relações de trabalho e das desigualdades geradas pelo sistema capitalista. Segundo ele, a história é marcada pelo que ele chama de "Luta de classes", onde essas classes estão em conflitos constantes classe opressora e oprimida, pois possuem interesses diferentes . Exemplo: Burguesia(classe capitalista) X proletariado (classe trabalhadora).

Para ele a Sociologia era mais que uma Ciência para compreender a realidade, ela é um objetivo de transformação social. Pois a partir do momento que os indivíduos compreendem o lugar que ocupam socialmente, eles podem lutar e defender seus interesses, transformando assim, a sociedade

LUTA DE CLASSES



Imagem retirada do Blog: Centro Nacional de Estudos Sindicais https://www.cesforma.org.br/blog/luta-de-classes-ideologia-crise-e-resistencia



Marx, defende a ideia de que as sociedades se dividem em classes sociais. Essa divisão é fruto de um processo histórico de lutas em que um grupo social torna-se dominante e subjuga os interesses dos demais grupos. Isso quer dizer, que a economia, política, Ciência, as leis sociais e normas são definidas para atender os interesse da classe dominante, a Burguesia.

Para ele, para que exista lucro no mundo capitalista, é necessário que exista uma classe que venda sua força de trabalho e que seja explorada, e uma classe que lucre, explorando dessa força de trabalho. Ou seja, para que exista pessoas muito ricas, é necessário que existam pessoas muito pobres. é preciso que exista esse antagonismo social entre classes, para que o capitalismo consiga se manter.







Pensando Marx na atualidade...



Vamos pensar?

Se um trabalhador passa seis dias da semana trabalhando para uma empresa e descansa somente um dia, quem está se beneficiando mais dessa relação: o trabalhador ou o empregador?

O que Marx diria sobre a escala 6x1?







ÉMILE DURKHEIM
Consolidou a Sociologia
Fatos sociais
Solidariedade





(1858-1914)

Emile Durkheim: foi seguidor de Auguste comte, positivista e defensor de uma unidade metodológica entre as ciências. Suas idéias contribuíram para o avanço e consolidação da sociologia enquanto ciência. Seu objeto de estudo eram os "fatos sociais", que segundo ele, era uma ação, individual, objetiva, exterior, coercitiva e independente ao individuo. Ou seja, "fatos sociais" são fenômenos que influenciam o comportamento das pessoas, independente delas escolherem ou não.

Ele define 3 fatos sociais



NORMATIVOS
Regras que dizem como devemos agir

COERCITIVOS
Nos obrigam a agir de determinada forma

GERAIS
Praticados pela maioria

NORMATIVO	**Leis, costumes e normas**
COERCITIVO	**Horário, etiqueta, língua**
GERAIS	**Escola, trabalho e hábitos**

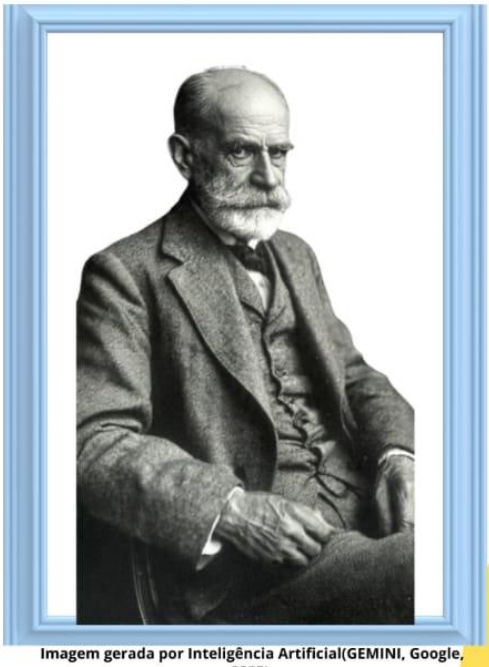


Imagem gerada por Inteligência Artificial(GEMINI, Google, 2025).



Ele também trouxe ideias que defendiam uma coesão social, pois acreditava na importância dos valores e regras para manter a sociedade organizada e unida. Para Durkheim, a sociedade é como um organismo vivo, onde cada parte dela é de extrema importância para que a sociedade funcione de forma saudável, ou seja, cada parte da sociedade é importante para seu funcionamento como igreja, família, governo e etc...

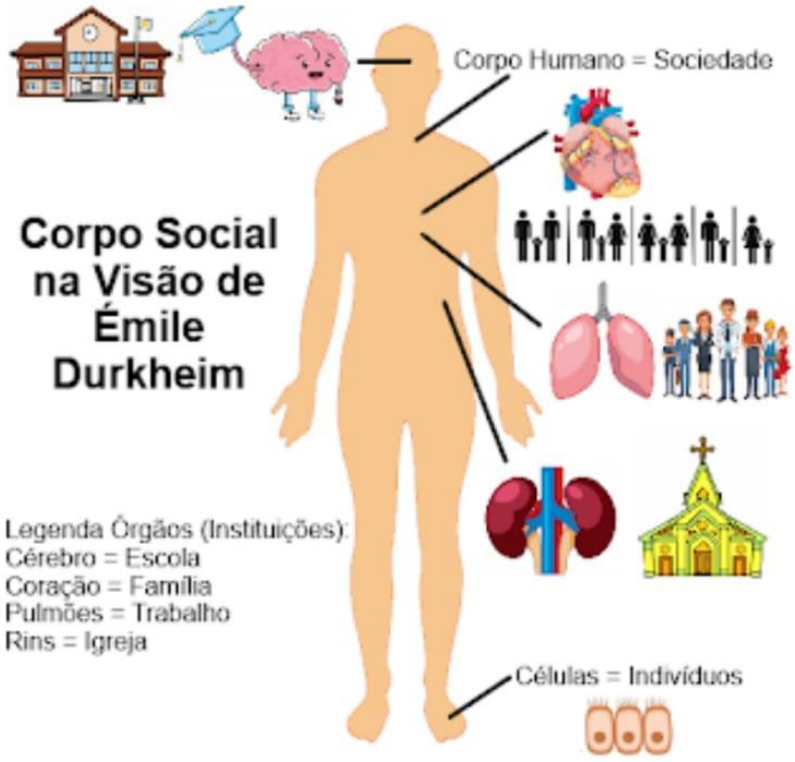


Imagem retirada da página SOCIUS-Direito e Sociologia: https://sociologiadodireitounesp.blogspot.com/2020/08/corpo-social-na-visao-de-emile-durkheim.html2025.

Pensando Durkheim na atualidade...

Vamos pensar?

Quando seguimos regras sociais como cumprir horário de trabalho, andar com roupas ou respeitar as leis de trânsito, estamos agindo por escolha individual ou porque a sociedade nos impõe essas normas? O que Durkheim diz sobre isso?

17



MAX WEBER
Compreensão da ação social
Racionalização
Autoridade



(1864-1920)

Max Weber : O primeiro ponto, que é importante destacar, é que ele adota um modo de pesquisa, diferente de Durkheim, pois não acreditava na ideia da unificação da metodologia das ciências naturais e das ciências humanas. Para ele, não era possível estudar os seres humanos, como se estuda a natureza, ou seja, se o objeto de estudo é diferente, o método precisa ser diferente, portanto, não acreditava na precisão dessa unificação. A Sociologia deveria explicar a ação das pessoas, e por que agem de determinada maneira. Portanto, seu objetivo era compreender o sentido subjetivo das ações das pessoas.

Max Weber

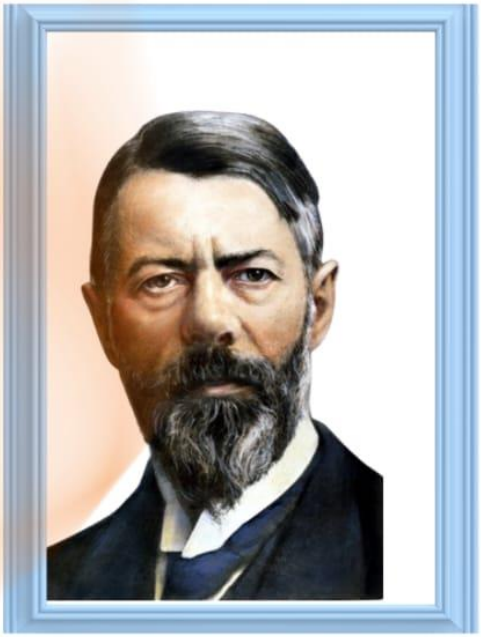


Imagem gerada por Inteligência Artificial(GEMINI, Google, 2025).



Imagem retira do site https://fliptru.com.br/comic/aulas-de-sociologia 2025

A sociologia compreensiva de Weber está direcionada a descobrir o sentido que determinada ação tem para cada indivíduo, diferentemente de Durkheim, que estava disposto em descobrir as causas externas ao indivíduo. Weber elabora uma tipologia para a ação social, ela contribui para a compreensão de cada ação humana. Para ele, existem quatro tipos de ação social;

ação tradicional (baseada em hábitos, ou costumes) Ex: comemorar datas religiosas.

ação com relação a valores (ação direcionada por religião, ética ou moral) Ex: Ajudar alguém pela fé.

ação social com relação a fins(ação pensada em determinado fim) Ex: Estuda para passar em um concurso

ação afetiva(guiada pelas emoções e sentimentos) Ex: discutir por impulso.

Pensando Weber na atualidade...

Vamos pensar?

Segundo Weber, nossas ações podem ser direcionadas pela razão, pelos valores, pela tradição ou pela emoção. Pensando em seu cotidiano (redes sociais, trabalho, família, escola...), qual desses motivos mais influencia suas decisões?

VAMOS RECAPITULAR AS IDEIAS DOS PENSADORES ?



DINÂMICA:" PASSE ADIANTE"

Mãos á obra": prepare tiras de papéis com as principais idéias de cada pensador estudado.

Exemplo:

Marx: "Luta entre classes"

Weber: "Ação social"

Durkheim: "Fatos sociais"

Faça várias tiras de papel de acordo com a quantidade de estudantes presentes e misture todas em uma caixa.

Organize os estudantes em círculo e brinque de passar a caixa de mão em mão como se fosse uma batata quente, quando o professor disser: "Parou". O estudante que estiver com a lata na mão, precisa retirar uma tira de papel, ler o conceito e relacionar com algum dos pensadores estudado anteriormente.



VAMOS COMPRENDER O CONCEITO DE SOCIEDADE?



Sociedade é um conjunto de pessoas de tamanho variável, podendo ser de grande ou de menor proporção, que convivem de forma coletiva, sendo regidas por normas, regras e conflitos. nem sempre essas normas e regras estão escancaradas, e admitidas, mas elas existem e regem a organização social.

por exemplo, em nossa sociedade, é muito raro que homens usem saias ou vestidos, não existe nenhum manual de vestimenta de homem ou mulher, que esteja explícito ou que obrigue e normatize como as pessoas precisam se vestir, mas mesmo não existindo essa regra clara, fica subtendido que homens não usam saia, nem vestido. homens usam vestimentas de homem e mulheres vestem vestimenta de mulher. podemos concluir, que essa norma não é natural, mas construída e determinada culturalmente.



VAMOS PENSAR?

VOCÊ CONSEGUE PENSAR EM OUTRAS REGRAS SOCIAIS, QUE NÃO ESTÃO EXPLÍCITAS, MAS QUE SEGUIMOS, SEM COMPREENDER E QUESTIONAR DE ONDE VIERAM?

DIALOGUE COM A TURMA E COM O PROFESSOR E REGISTRE AS OBSERVAÇÕES

MAS QUAL A UTILIDADE DA SOCIOLOGIA?

EU VOU USAR ESSE CONHECECIMENTO PARA QUÊ?



Um dos objetivos dessa Ciência é desenvolver o pensamento crítico nos indivíduos. Pensamento crítico é o ato de olhar, refletir e buscar respostas para fatos da vida social. Pensar sociologicamente é buscar respostas e explicações, para comportamentos que são naturalizados socialmente Por exemplo, podemos achar que o desejo de obter um produto, é algo natural, e que não necessita de nenhuma explicação.

Mas quando passamos a olhar sociologicamente para essa situação, podem surgir diversos questionamentos muito pertinentes, que podem abrir os nossos olhos para o real. Por que eu tenho o desejo de comprar um produto, se eu não preciso? Por que tantas pessoas desejam comprar e consumir coisas, que de fato não necessitam? De onde surge o desejo de consumir? Por que isso é tão fundamental? Perguntas como essas, necessitam de repostas que podem ajudar a compreender uma sociedade e seus principais fundamentos e as Ciências Sociais nos ajudam a compreender tudo isso.



Imagem retira do site: https://pontosj.pt/companhia-dos-filosofos/o-individualismo-como-matriz-e-queda-do-ser/ 2025.

Se o consumo é tão valorizado em nossa sociedade, será que nós compramos por que queremos... ou fomos ensinados a querer?

23

Você já sentiu desejo de comprar algo mesmo sabendo que não precisava daquele produto? comente com a turma.

Atividades

Sugestão de vídeo para iniciar as discussões:

YouTube

Vamos falar sobre consumisno?

Canal do youtube:

Canal do: @Steve_cutts

https://youtu.be/e9dZQelULDk?si=s9tsyqFF158RgTtj





Quando pensamos criticamente sobre o contexto social que vivemos, acontece em nós um processo de "desnaturalização" do mundo , e tudo passa a ser visto por outra ótica.

Para que possamos compreender o conceito de desnaturalizar, usarei como exemplo, o trabalho doméstico, ser destinado e atrelado apenas á figura da mulher. Ou seja, mulheres trabalhando cuidando da casa, enquanto homens assistem ao futebol, ou trabalham fora para manter o sustento da casa. Para muitas pessoas, o trabalho doméstico deve ser feito por mulheres.

Essa "regra" não está assinada na constituição, e nem em nenhum documento com poder normativo, mas é uma norma social, que foi aprendida culturalmente, e que as pessoas apreenderam como algo natural, como se ela sempre tivesse existido.



Imagem retira do site: https://turmadamonica.fandom.com/pt-br/wiki/Servi%C3%A7o_Dom%C3%A9stico

VAMOS PENSAR?

O que faz com que muitas pessoas continuem acreditando que o trabalho doméstico é 'coisa de mulher', mesmo sabendo que essa divisão não tem base legal nem natural?"





Muitas mulheres insatisfeitas passaram a olhar para essa divisão social de papéis, e a se perguntar, se de fato era justo. Pensar criticamente sobre essa divisão de papéis, fez com que se identificasse que a sociedade tem se organizado para privilegiar os homens, com maior tempo livre, com maiores salários, menos comprometimento na educação e cuidado dos filhos... esse movimento de desnaturalização levou muitas mulheres a se unirem e lutarem por mais espaços e direitos sociais.

Pensar criticamente e refletir sobre o seu espaço, ajudou a mulher a reivindicar outros espaços, além dos cuidados com o lar.



É muito importante salientar que o senso comum é separado das ciências sociais. Nossas opiniões isoladas, não constituem uma ciência, pois elas não fazem parte de um pensamento organizado, sistematizado e minucioso sobre determinado fenômeno.

A ciência exige seriedade, objetividade e universalidade. O estudo da vida social, não se baseia no personalismo do indivíduo, ou da sua própria opinião isolada, é necessário rigorosidade cientifica, técnicas e métodos de investigação, para se compreender fenômenos da vida social, para que se avance em determinado conhecimento.



As ciências sociais nos estimula a pensar, julgar e analisar, simplesmente no lugar de apenas acreditar o que está sendo posto. Ela nos permite, levantar questionamentos sobre o que está sendo discutido, e a buscar fundamentos e justificativas plausíveis para o assunto em questão.

A partir dessa análise inicial, essa perspectiva mais critica, prepara nosso olhar para analisar a situação com maior rigorosidade, isso nos faz perceber, se o que está sendo discutido é algo sólido, ou apenas um discurso coberto de interesses, sendo criado por um determinado grupo.



Imagem retira do site: https://sampi.net.br/franca/noticias/2886061/opiniao/2025/02/os-militantes-das-redes-sociais



Se nossas opiniões pessoais não são suficientes para explicar a realidade, como podemos diferenciar um conhecimento científico de um discurso construído para defender interesses de determinados grupos sociais?"



DIALOGUE COM A TURMA E COM O PROFESSOR



Referências



DURKHEIM, Émile. As regras do método Sociológico. trad. Paulo Neve; revisão da tradução Eduardo Brandão. – 3. ed – São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Coleção tópicos).

MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia? 30° Ed. São Paulo; Coleção primeiros passos, 1994.

VIANA, Nildo. Introdução à sociologia. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. E-book. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 30 nov 2025.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. rev. téc. Gabriel Conh. 4. ed. Brasília: UNB, v. 1, 2012.

Material organizado e ilustrado pelo aplicativo Canva: Canva.com